

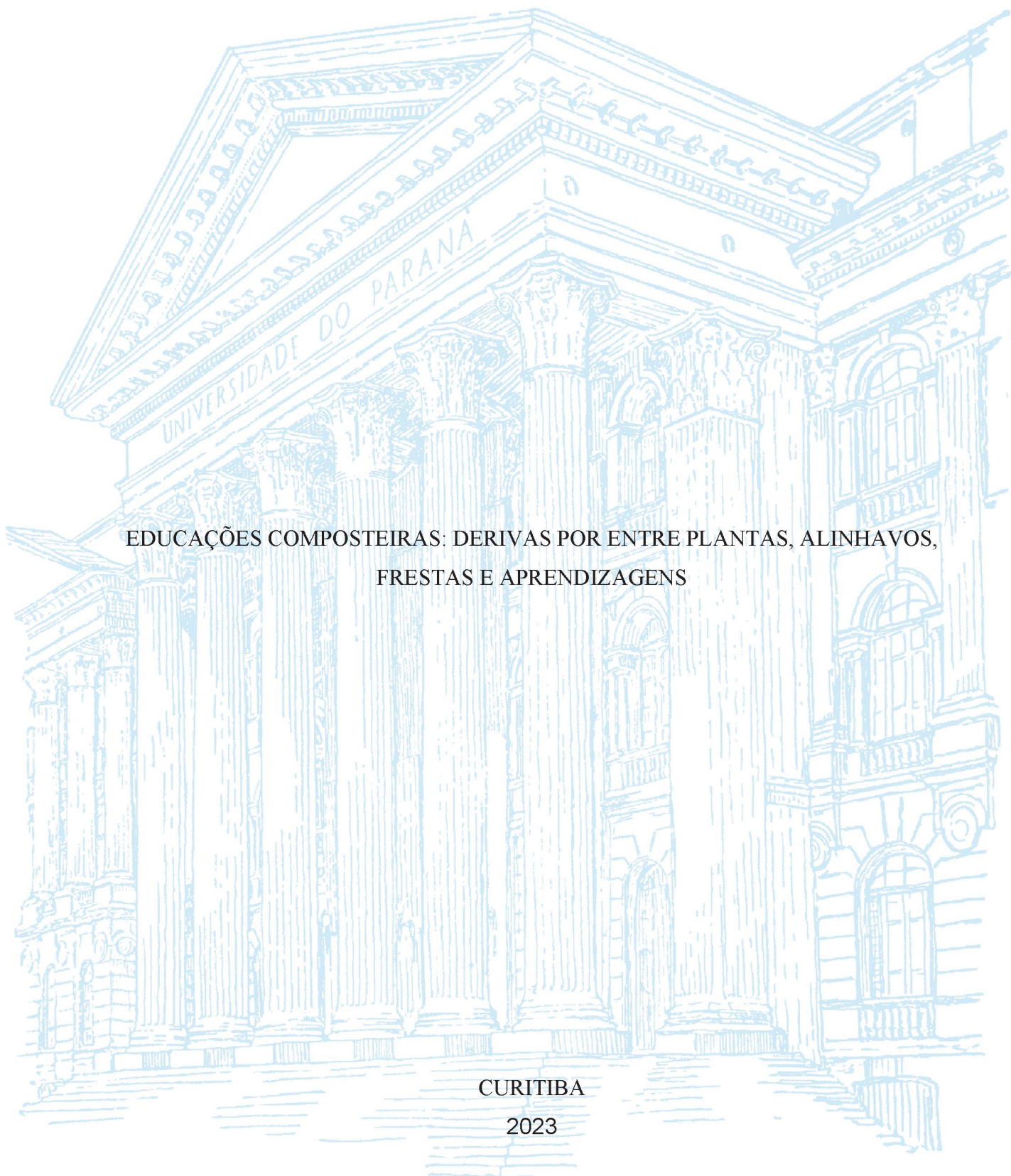
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GABRIELA DE SOUSA TÓFFOLI

EDUCAÇÕES COMPOSTEIRAS: DERIVAS POR ENTRE PLANTAS, ALINHAVOS,
FRESTAS E APRENDIZAGENS

CURITIBA

2023



GABRIELA DE SOUSA TÓFFOLI

EDUCAÇÕES COMPOSTEIRAS: DERIVAS POR ENTRE PLANTAS, ALINHAVOS,
FRESTAS E APRENDIZAGENS.

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática, no Setor de Exatas, na Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação em Ciências e em Matemática.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Kátia Maria Kasper.

CURITIBA

2023

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Tóffoli, Gabriela de Sousa

Educações composteiras: derivas por entre plantas, alinhavos, frestas e aprendizagens / Gabriela de Sousa Tóffoli. – Curitiba, 2023.

1 recurso on-line: PDF.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná Setor de Ciências Exatas, Programa de Pós-Graduação em Ciências e em Matemática.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Kátia Maria Kasper

1. Aprendizagem – Plantas. 2. Cartografia. 3. Compostagem. 4. Aprendizagem – Matemática. I. Kasper, Kátia Maria. II. Universidade Federal do Paraná. III. Programa de Pós-Graduação em Ciências e em Matemática. IV. Título.



TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **GABRIELA DE SOUSA TÓFFOLI** intitulada: **EDUCAÇÕES COMPOSTEIRAS: DERIVAS POR ENTRE PLANTAS, ALINHAVOS, FRESTAS E APRENDIZAGENS**, sob orientação da Profa. Dra. KÁTIA MARIA KASPER, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutora está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 13 de Dezembro de 2023.

Assinatura Eletrônica

14/12/2023 13:34:04.0

KÁTIA MARIA KASPER

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

20/12/2023 09:07:40.0

LÚCIA DE FÁTIMA DINELLI ESTEVINHO

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA)

Assinatura Eletrônica

20/12/2023 09:39:57.0

ROSANE PRECIOSA SEQUEIRA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA)

Assinatura Eletrônica

14/12/2023 17:52:47.0

MARCOS DA ROCHA OLIVEIRA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

14/12/2023 13:55:00.0

ROBERTO DALMO VARALLO LIMA DE OLIVEIRA

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Às peles do mundo e ao meu pai.

Uma pesquisa não se faz sozinha, e isso não é nenhuma novidade.

É na potência dos encontros que se cria contorno para um pensamento que surge, e é neste entre, neste espaço tempo de coexistência, que forjamos uma língua capaz de dizer dos acontecimentos.

Agradecer quem chega e quem vai, o que chega e o que vai. Compor com o que me habita e que, por consequência, marca esta pesquisa.

Agradeço ao grupo “Sem Nome Ainda”, pelos encontros fortuitos, trocas, atenções e interesse genuíno pelo que se produz e o que se pensa no coletivo.

Agradeço à minha orientadora Kátia Kasper, pela preciosa parceria, que sabe quando convidar ao mergulho, coloca a cabeça embaixo d’água. E, também, anunciar - quase que num sussurro sutil - quando é preciso aterrar, um convite ao pouso. Com ela, a pesquisa ganha força, fôlego, sustenta o desejo. Com ela aprendi a potência da alegria.

Às amigas, amigos e amigues que compartilham comigo a alegria de perceber na própria vida uma pesquisa. Em especial à Thalita, Elisa e Marina que acolhem as derivas, os silêncios, o caos, as gargalhadas, os assombros e outros que tais. Parcerias fundamentais.

À minha irmã e minha mãe, suportes essenciais para essa travessia. Ao meu pai, que me fez um convite irrecusável aos treze anos: Curta! Beijos, pai. Nunca esqueci!

Às plantas, à cidade, às rachaduras no concreto, às montanhas, sabiás, às células em mutação, à terra, às decomposições.

Agradeço ao programa de Pós-Graduação em Ciências e em Matemática, da UFPR, pelo terreno fértil para que essa pesquisa pudesse acontecer.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

meu corpo também guarda o gesto contrário

Francisco Mallmann

RESUMO

Esta pesquisa se interessa pelas múltiplas aprendizagens que acontecem no encontro com as plantas. Aliada a uma concepção de ciência e educação que se entende como linhas de redes complexas de interações entre humanos e não-humanos, deshierarquizando existências, produzindo efeitos que se fazem e desfazem no encontro com um outro. Aprendizagens que passam pelo corpo, um corpo aberto às contaminações entre seres, também em metamorfose, capaz de encontros radicais com a alteridade. Como metodologia, esta pesquisa escolhe a cartografia, prevendo o entendimento do método como aquilo que nos faz perceber nossa potência de conhecer. Pensar, desenhar e criar outros mapas - os que possam ser capazes de dizer dos afetos, de desenhar outros modos do pensamento. Na cartografia, interessam os territórios subjetivos, culturais, sociais, implicando intimamente a pesquisadora, visto que não há uma cisão determinada entre sujeito e objeto, não se apoia em dualismos e separações. É o devir que nos chama a olhar e a olhar e olhar novamente até que seja possível perceber variações do que já é sabido. Não se trata de representar os processos vivenciados nesta pesquisa, mas acompanhá-los, desenhar os possíveis enquanto os possíveis se apresentam, ao mesmo tempo, no durante. Palavras que surgem do gesto mais comum e criam uma língua capaz de dizer das linhas visíveis e invisíveis que compõem este mapa. Esta tese cria, com os efeitos dos encontros com as plantas, uma escrita-palavra-imagem-costura-colagem que pretende acolher multiplicidades existenciais, provocar o olhar para o entorno, para os diversos seres que rondam, em coexistência. Por meio de procedimentos ligados às manualidades, aos tecidos, às caminhadas à deriva, às cartas, às cenas, à compostagem esta pesquisa contribui para a invenção de outras línguas, gaguejantes - um desejo humus, alimento para tudo que vive e morre - propondo educações composteiras, capazes de criar vida e diferença com o que termina, ser canal para as manifestações diversas do mundo. Uma pesquisa que se entende, também, compostável, uma mistura de muitos, capaz de decompor e compor outras maneiras de aprender.

Palavras-chave: aprendizagens; plantas; composteira; cartografia; corpo.

ABSTRACT

This research is interested in the multiple learnings that occur in encounters with plants. Allied with a conception of science and education that understands itself as complex networks of interactions between humans and non-humans, dehierarchizing existences, producing effects that are made and unmade in encounters with another. Learnings that involve the body, a body open to contaminations between beings, also in metamorphosis, capable of radical encounters with otherness. As methodology, this research chooses cartography, foreseeing the understanding of the method as that which allows us to perceive our power to know. To think, draw, and create other maps - those that can express affect, draw other modes of thought. In cartography, subjective, cultural, and social territories are of interest, intimately implicating the researcher, since there is no determined division between subject and object, not relying on dualisms and separations. It is the becoming that calls us to look and look and look again until it is possible to perceive variations of what is already known. It is not about representing the processes experienced in this research, but accompanying them, drawing the possibilities as they present themselves, at the same time, in the during. Words that emerge from the most common gesture and create a language capable of expressing the visible and invisible lines that compose this map. This thesis creates, with the effects of encounters with plants, a writing-word-image-sewing-collage that aims to embrace existential multiplicities, provoke a gaze towards the surroundings, towards the various beings that roam, in coexistence. Through procedures linked to handiwork, fabrics, drift walks, letters, scenes, composting, this research contributes to the invention of other languages, stuttering - a humus desire, nourishment for all that lives and dies - proposing composting educations, capable of creating life and difference with what ends, being a channel for the diverse manifestations of the world. A research that also understands itself as compostable, a mixture of many, capable of decomposing and composing other ways of learning.

Key-words: learnings; plants; composter; cartography; body.

RESUMEN

Esta investigación se interesa por los múltiples aprendizajes que ocurren en el encuentro con las plantas. Aliada con una concepción de ciencia y educación que se entiende como redes complejas de interacciones entre humanos y no humanos, desjerarquizando existencias, produciendo efectos que se hacen y deshacen en el encuentro con el otro. Aprendizajes que involucran al cuerpo, un cuerpo abierto a las contaminaciones entre seres, también en metamorfosis, capaz de encuentros radicales con la alteridad. Como metodología, esta investigación elige la cartografía, previendo la comprensión del método como aquello que nos permite percibir nuestra potencia de conocer. Pensar, dibujar y crear otros mapas, aquellos que puedan expresar los afectos, trazar otros modos de pensamiento. En la cartografía, son de interés los territorios subjetivos, culturales y sociales, implicando íntimamente a la investigadora, ya que no hay una división determinada entre sujeto y objeto, no se basa en dualismos y separaciones. Es el devenir lo que nos llama a mirar y mirar y mirar nuevamente hasta que sea posible percibir variaciones de lo que ya se conoce. No se trata de representar los procesos experimentados en esta investigación, sino de acompañarlos, trazar las posibilidades a medida que se presentan, al mismo tiempo, en el durante. Palabras que emergen del gesto más común y crean un lenguaje capaz de expresar las líneas visibles e invisibles que componen este mapa. Esta tesis crea, con los efectos de los encuentros con las plantas, una escritura-palabra-imagen-costura-collage que pretende abrazar multiplicidades existenciales, provocar una mirada hacia el entorno, hacia los diversos seres que deambulan, en coexistencia. A través de procedimientos vinculados al trabajo manual, tejidos, caminatas a la deriva, cartas, escenas, compostaje, esta investigación contribuye a la invención de otros lenguajes, titubeantes, un deseo de humus, alimento para todo lo que vive y muere, proponiendo educaciones de compostaje, capaces de crear vida y diferencia con lo que termina, siendo un canal para las diversas manifestaciones del mundo. Una investigación que también se entiende como compostable, una mezcla de muchos, capaz de descomponer y componer otras formas de aprender.

Palabras clave: aprendizajes; plantas; compostera; cartografía; cuerpo.

SUMÁRIO

AOS LEITORES	10
Cartografias vegetais	12
Diga-me com quem anda	16
Espaço reservado para pichador amador	18
Uma pesquisa deseja	20
QUANDO UM TEXTO VIRA UM PANO OU O CONTRÁRIO	23
DERIVAS OU FRESTA FLORESTA	44
UMA CONVERSA VIRA-LATA	64
Pistas ou um banquete ou selvageria	108
EDUCAÇÕES COMPOSTEIRAS	110
REFERÊNCIAS	202

Não, ninguém faz samba só porque prefere.

João Nogueira

Sinto que antes da leitura deste texto preciso abrir uma conversa, sentar em uma mesa daquelas de madeira grandes e antigas, alguns de vocês ocuparão as cadeiras almofadadas, confortáveis, outros em cadeiras daquelas de praia, que se dobram para carregar, alguns talvez rondem a mesa em pé mesmo, outros brinquem com o cachorro, alguns passem de lá pra cá, escutem de cima de um galho, sintam vibrar as teias, se escondam na terra, talvez alguns fiquem, ou vão embora e não voltem mais. Uma conversa daquelas que se perdem no ar, que mudam de assunto, de roteiro, algumas risadas, tédios, incômodos também. Chamo para conversa na tentativa de estabelecer uma distância segura, se é que isso é possível, do vício de uma linearidade, das significações, padronizações, de algo que começa, desenvolve e termina. Uma conversa nunca para de acontecer.

A feitura desta tese, chamo de feitura pois acolho algo das manualidades aqui, começa em 2019, quando após concluir o mestrado em que pesquisei algumas hortas urbanas em Curitiba, passei a me interessar pelas existências vegetais, desejava uma aproximação, uma escuta com elas. Algo me sondava, o que se pode aprender com as plantas?

Precisei então, dar alguns, ou muitos passos para trás, para entender como as plantas geralmente são entendidas. Em que cenário científico, cultural, social se apoiam essas compreensões? Com quais ações éticas-estéticas-políticas esta tese se identifica? Estamos aliadas a uma ciência que se entende como um produto de redes complexas de interações entre humanos e não-humanos, ciência como criação, que acontece no entre dos encontros, uma ciência que se faz e de desfaz no encontro com o outro, também na

alteridade. É o que me interessa aqui, algo capaz de reconstruir redes, de deshierarquizar existências, uma ciência capaz de abrir uma conversa.

Até aí, mais ou menos tudo bem. Mas ainda ressoava uma questão. Como me aproximar das existências vegetais? A proposta desta pesquisa, em 2019, buscava um campo capaz de promover o encontro com práticas que, de diversos modos, estabeleciam uma relação horizontal com as plantas, não utilitária. Mapeava benzedadeiras, rezadeiras, mães e pais de santo, espaços de ayahuasca e outros rituais, as avós, as bisavós. Era preciso estar mais perto, ficar, ouvir, aprender.

Foi prestes a entrar em contato com este campo que surgiu uma nova doença, a SARS COVID - 19, que logo se transformou numa pandemia mundial e nos convocou a cuidados nunca vividos e ao isolamento. Esta pesquisa atravessou os horrores e medos deste período, muitas mortes, descasos com a vida, assistimos pessoas morrerem sem ar, ideias morrerem, algumas esperanças. Uma pesquisa marcada por essas experiências precisou criar um movimento constante de afirmação da vida. Para não morrer. Foi preciso também reinventar uma pesquisa, encontrar algum modo, alguns, para continuar. Foi preciso acolher o que chegava, as inúmeras possibilidades, um estado emocional também. Foi preciso de alguma forma pesquisar com a morte e a vida que se entrelaçavam. Foi preciso encontrar maneiras de vibrar na potência da alegria e variar os cursos de um rio. Foi preciso inventar aproximações com as plantas, uma conversa, um passeio, uma escuta.

Além destes atravessamentos, no início do ano de 2020 meu pai foi diagnosticado com um câncer raro, sem cura, no pulmão. Era preciso novamente ficar cara a cara com a morte, fazer lado a lado com ela, perceber os ciclos, as transformações. Uma pesquisa enroscada em cuidados intensos, incontáveis consultas, exames, internações, cirurgias, quimio e radioterapias. Essa pesquisa acompanhava um corpo, invadido, rasgado, fotografado, costurado, alterado quimicamente, irradiado por ondas, implantado por pedaços de plástico. Essa pesquisa lidou com uma medicina que não suporta a morte, a transformação do corpo, uma medicina como indústria da cura.

O câncer, uma reprodução descontrolada de células, gerando corpos estranhos. Como acolher algo que se faz sem controle, se reproduz, algo que cria no corpo outros

corpos? Meu pai, companheiro de tesão pela vida, de apaixonamento constante pelo mundo, quem me ensinou profundamente a inventar alegrias. Essa pesquisa viu esse pai morrendo dia a dia, viu uma demência súbita, não explicada pelos médicos. Quantas são as maneiras de morrer? Com meu pai estive muito próxima da criação, invenção de uma vida potente e é com isso que vou seguir. No mês de abril deste ano ele faleceu, dormindo e eu decidi não morrer com ele. Decidir não morrer dói.

Cartografias vegetais

Questões fundamentais e inquietações aparecem. Para pensar em como aprender com as plantas era preciso primeiro aprender a inventar um corpo, um corpo aberto às contaminações entre seres, um corpo também em metamorfose, que produz uma escrita capaz de dizer desses encontros, das marcas e transformações que acontecem, uma escrita ou modos de fazer ver. Como criar um corpo, bricolagem, inventar um corpo capaz de ser afetado pelas existências do mundo. Um corpo distanciado da ideia de organismo, povoado por intensidades, aquele das multiplicidades de fusão.

Nada a interpretar, um corpo campo de imanência do desejo. Nada falta. Criar um corpo onde as intensidades passem, não sobre si ou sobre o outro, interessa o devir, o entre nos encontros. Aumento de potência, corpo intensivo.

Inventar agenciamentos que criem esse corpo, ter a experimentação como operação, o nomadismo como movimento. Pensar o que pode um corpo capaz de ser afetado, um corpo como aprendizagem de ser afetado, corpo distanciado do sujeito e sem ligações com as interpretações médicas, biológicas, naturais, ou o dogmático da igreja? Corpo como lugar, platô por onde passam intensidades, onde acontecem movimentos, sons, cores, texturas, linhas de fuga. Um corpo capaz de encontros radicais com a alteridade. Um corpo pesquisador capaz de ser afetado, contagiado, de entrar em devir. Como aprender?

Quantas invenções estes encontros cochicham? Quais composições são possíveis quando se deseja criar com diversas existências e com a literatura, imagem, com as

rachaduras na cidade, com arte, conceitos, teorias e autores? Criar com, não a partir de. Como ser canal para as manifestações diversas da vida? E como não ser um canal meramente passivo, mas um corpo-rio que acolhe fluxos, se mistura com o que chega, encontra cursos e desagua em lugares outros.

Para me colocar a aprender com as plantas decidi criar procedimentos, brincadeiras, rituais, estratégias de invenção desse corpo, provocar os poros, tomar distância das leis biológicas. Interessada pelos gestos e aprendizagens coloquei o corpo pra jogo. Procedimentos que também não se destinavam a ser norma, pediam uma outra atenção, ao que queria passagem, às manualidades, aos tecidos, às caminhadas à deriva, às cartas, às cenas, à compostagem, às diversas linguagens que poderiam contribuir para a composição desta pesquisa. Tendo a Cartografia¹ como metodologia, me coloquei a acompanhar os processos, distanciamentos e aproximações, tramavam uma escrita, costuravam um pano, desenhavam letras trêmulas, caminhando, guardavam o que viam, variando o próprio lugar de pesquisadora, confundindo existências.

Criava-se um corpo pesquisadora, no entre, no movimento da pesquisa, no durante, em processo constante de diferenciação e variação. Não se chega com um corpo pronto, isso nem nos interessa, é da ordem do decalque. Nos interessa um mapa, corpo mapa, pesquisa mapa, língua mapa, capaz de acompanhar os passos, as paragens também, capaz de inventar caminhos. A cartografia é aqui, também, aliada, ao assumir que com ela, métodos, processos e teoria se entrelaçam e acontecem ao mesmo tempo em que os afetos solicitam a invenção de alguma língua, algum ritmo em comum.

Os cadernos de anotações estavam perto, guardados a uma distância preventiva. Desconfiada do que a razão, num primeiro olhar pudesse estar contaminada pelo que aprendemos ser real, algo da ordem de uma narrativa decorada, conhecida, num tempo muito familiar. Guardar então os cadernos. Escrever pediu presença, atenção, pediu para parar, ir e ficar. Quando elas, as palavras, enfim nasciam, gestadas pelos nós na garganta,

¹ A cartografia como método prevê o entendimento do método como aquilo que nos faz perceber nossa potência de conhecer. No entanto, os próprios autores que deslocam este termo da geografia para pensar outros mapas - os que possam ser capazes de dizer dos afetos, dos encontros - nos alertam quando dizem que teoria é cartografia e vice e versa. Na cartografia nos interessamos pelos territórios subjetivos, culturais, sociais, implicando intimamente o(a) pesquisador(a), visto que não há uma cisão determinada entre sujeito e objeto, a cartografia não pretende trabalhar com dualismos/separações, interessa o que ocorre no entre. É o devir que nos chama a olhar e a olhar e olhar novamente até que seja possível perceber variações do que já é sabido. Então, não se trata de representar os processos vivenciados em uma pesquisa, mas acompanhá-los, desenhar os possíveis enquanto os possíveis se apresentam, ao mesmo tempo, no durante. Tudo pode ser matéria de expressão para a cartografia, desde que crie uma língua capaz de dizer das linhas visíveis e invisíveis que compõem este mapa.

somente então ganhavam berço nos cadernos ansiosos.

Cenas me provocavam, olhar para o menor, o mínimo gesto, dar um zoom, foi quando as plantas se confundiram com a terra, com os insetos, com o ar, com as águas, comigo, que esta pesquisa precisou acolher a força de uma floresta e a potência de uma composteira. O efeito zoom, provocou: qualquer tentativa de isolar as plantas combinava muito mais com um experimento de laboratório. E eu desejava estar com, misturada.

Aprender com as plantas passou pelo corpo e as palavras puderam surgir entre os gestos mais comuns, como os de um farfalhar de folhas ao vento.

Criar procedimentos me pareceu também uma boa estratégia contra as normatizações da escrita, as formatações dos modos de pensamento que se pretendem dizer verdades. Procedimentos para dar uma desligada no botão da razão, colocar em suspensão, ver o que acontece quando não é um cérebro que sistematiza, quando se perde de um centro de controle. Criar procedimentos ligados às manualidades, às manufaturas dos prazeres, dos afetos, das palavras. Criar procedimentos também diz da invenção constante de um corpo, um corpo capaz de vibrar em lugares outros, capaz de sentir, de fluir, de desaguar.

Também diz de leituras, encontros com autores. Como ler? Colocar para girar no ar, com o vento, conceitos. Ver o que eles fazem assim, em movimento. O que se produz soltando conceitos no ar? Olhando os redemoinhos? Criando conversas entre teorias, alecrim, alegrias, entre os rios, as fendas no concreto. Algo que confunda qualquer origem ou destino. Criar procedimentos para se interessar pelo entre, pelo que acontece no meio, pelo devir. E inventar, inventar mais de um procedimento para que ele mesmo não vire norma e recaia nas garras do controle e da indução.

Foi preciso, além de mais de um procedimento, misturar, confundir, se perder neles. Deixar o próprio procedimento respirar, variar, não conseguir mais definir o que gestou o que, que texto vem, que procedimento vai. Não seria isso também, compostar? Deixar morrer, diluir, apodrecer, virar comida de bactérias e gases e excreção de minhocas, alimento de bicho e de planta, deixar rebrotar o tomate do molho daquela noite fria. Perder a gravidade, deixar que vire sonho, ou mesmo uma grande mentira, ficcionar ou morar no céu.

Tenho pensado, que por fim, esses procedimentos não foram inventados. Eles

chegaram, solicitaram passagem, espaço, pediram um tempo, queriam ser parte dessa escrita.

Num primeiro momento dessa pesquisa, confesso que não previ a costura numa composição inicial. Minhas agulhas, fios, fitas estavam bem guardados numa caixa no fundo do armário. Foi após uma viagem à São Francisco Xavier, na Serra da Mantiqueira para uma imersão chamada ‘Por uma Clínica Poética’ que pude ouvir o chamado de tal manualidade que há tempos me acompanha, que coloquei o corpo para variar. Foi ali que reencontrei com a vó Tereza, no quartinho de costura dela, brincando com fios, jogando agulhas no chão e recolhendo com um grande imã em forma de círculo. Lembro do peso do imã, lembro da alegria em ver os alfinetes correndo para ele sem pestanejar. Lembro das revistas de moda, dos moldes de casacos e saias, que pareciam mapas pra mim, retângulos, linhas, contornos. Lembro da máquina de overlock, esses dias pensei Nessa palavra, overlock, over - lock, lock por demais. Lembro das madames chegando com seus motoristas, era o único momento em que eu precisava sair do quartinho. Eu gostava de espiar pela janela, uma cortina de voal deixava transparecer alguma nudez daquelas mulheres. Eu gostava de espiar pela janela.

Nunca fui ensinada a costurar, a bordar, a manipular agulhas, a alinhar, nada disso. Mas existem tantas formas de aprender, aprendi pelo afeto pelo olhar brincante com as ferramentas do ofício da minha avó, aprendi como juntar umas coisas nas outras. Aprendi por contágio. Mas para se colocar a fazer alguma coisa é preciso antes deixar esse saber chegar, chegar pelas entranhas, pela memória, pelos sonhos, pelos gestos que - vejo agora enquanto escrevo - das mãos da minha avó.

No retorno a Curitiba, reabri minhas caixas, reencontrei os panos, as linhas, as agulhas e me coloquei a costurar, nada muito intencional, criei um ritmo, um movimento, um gesto, um desejo de fazer ver alguma composição, o pano, como chamei, por falta de outro nome e por não saber muito bem do que ele mesmo se tratava, talvez ele não queira outro nome. Voltei a costurar, juntei palavras, pedras, folhas e plantas que secavam no banheiro, dependuradas, entrei num frenesi úmido, como o rio da beira da casa que beijava o corpo nu, num mergulho caudaloso. Foi preciso ir pro rio, despida, foi preciso deslocar alguns quilômetros para deslocar aqui dentro. Foi preciso sair de casa, encontrar a montanha, o cacau, algumas mulheres, o barulho do mato quando anoitece, foi preciso

sair de casa para sair de mim. E assim, como magia, não digo de algo exotérico, digo da magia que a gente carrega, digo da magia dos encontros, como magia a escrita parece ter criado um lugar, um fluxo, parece querer sair.

Comecei bordando, costurando o pano, escrevendo depois. Fui variando, experimentei escrever enquanto costurava, ou no dia seguinte, ou antes, deixei que a escrita pedisse e sussurrasse o seu tempo. Como o pano que foi se fazendo a escrita no mínimo e na potência das grandes aroeiras, ou araucárias, ou jacarandás e guabirobas, ou tudo junto. Força floresta é tudo aquilo que irrompe vida e nos ensina que habitar ruínas pode, também, inventar outros modos de pensar aprendizagens.

Surgem das frestas, rachaduras, ignoram os limites, muros, calçadas, qualquer tentativa de contenção, elas se modificam o tempo todo com o concreto que elas racham, sem brigas ou oposições aqui, caso contrário caímos na discussão já superada da separação entre natureza e cultura. Estão radicalmente vivas. Como pensar educações que rachem, criem quase que *na marra* espaços em que a vida contamine a própria vida, que sejam pequenas florestas teimosas, que mantenham a ferida aberta, que cultivem alianças vegetais, decidam ficar com o problema e aprender outros modos de prestar atenção. Educações que inventem ideias para adiar o fim do mundo.

Diga-me com quem anda

Durante a feitura desta pesquisa experimentei diferentes modos de escrever, registrar. Acolhi alguns, abandonei outros. Encontrei nas cartas um jeito de continuar uma conversa. Um outro ficcional, inventado, interlocutores incomuns, escrever para as cigarras, para o pai morto, para a ameixeira da infância. Um desejo de contar o que vinha aprendendo com as plantas.

Anúncio de um bando, aliados como que em linha percorrem o texto, no alinhavo, arremates, nas pontas soltas. Acontece junto, ao mesmo tempo, teoria na terra, no resto e em mim. Caminho que não aconteceu sozinho, que se fez no encontro com estes outros. Coexistências e cooperações, humanos e não humanos, teóricos, poetas, artistas, avós, educadores, estar em bando, algo de uma escuta, de uma presença. Uma conversa vira lata. Modos de pesquisar com, espalhados pelo texto, nas composições escritas, imagens,

na cola que resta da mão, nas marcas nos dedos ao alinhar tecidos quase impenetráveis. Eles estão antropofagicamente incorporados nesta tese, contaminando o que escolho dizer, os modos de dizer e o que silêncio. Como numa conversa, alguns aliados saem dar uma volta, os passarinhos pousam na mesa atrás das cascas do pão, as folhas da aroeira balançam com o vento e barulham, eu também saio do papo, deixo eles lá, vou dar uma volta, presença e ausência, sem aspas ou travessão, uma conversa não é um roteiro.

Eu caminhava, inundada por diversos registros dos processos que acompanhei, fotos das plantas que surgiam do concreto, caminhadas pela cidade, um pano em constante feitura, anotações no caderno que me acompanhava, vídeos, sons de grilos e cigarras, tintas naturais em potes com álcool, fios, retalhos, pedaços de papel, cartas, restos das toalhas de renda da minha avó, sementes que ganhei, flores e folhas que secaram. Marcas no corpo pesquisadora.

Olhava para aquilo tudo, foram anos nestas experimentações. Pensamentos queriam corpo, alguns anúncios, barulhos de rio, muitos questionamentos. Um susto. Não sabia o que fazer com tudo aquilo. Parei, era preciso respirar, deixar respirar, conspirar entre si. Foi preciso coragem para sair um pouco de cena, confiar no processo, esperar a gestação de uma língua capaz de compartilhar.

Em um sábado peguei todos os envelopes, os panos, a caixa de costura, minhas canetas, imprimi as fotos em diversos tipos de papéis, lotei uma mochila com alguns livros e fui para a casa da minha mãe. Distribui, de maneira aleatória, na mesa que ainda é a mesma da minha infância. Conversamos, almoçamos, dormi um pouco. Voltei para a mesa, fiquei ali olhando, saí, voltei, fiz um chá, olhei, mexi, remexi, fiquei ali. Olhando. Ao lado da poltrona, na parte de cima do baú, estavam aqueles envelopes que guardam resultados de exames. Diagnóstico avançado por imagem. Abri, revirei, revi, pulmão, intestino, tumores, costela, cérebro, catéter. Levei eles para a mesa, coloquei lá, esperei. Eles conspiram.

Segui seus sussurros, fui desvendando sua língua, segui pelo desejo. Uma fúria. Rasguei pedaços deles, coloquei junto, misturei, um por cima do outro, outro pelo lado, só um pedacinho ali no canto, um novelo no mediastino, desordens nervosas costuradas no cérebro e por aí vai. Assim surgiam as colagens-textos, textos-colagens. Colocar tudo junto para ver o que poderia acontecer, escrever com esse chamado, seguir em

metamorfose, um desejo humus, alimento para tudo que é vivo, me trouxe um verbo, compostar. Uma tese alimento? Trabalho para minhocas e passarinho.

Espaço reservado para pichador Amador

Escolhi escrever esta tese em pedaços? Sinto que foram eles, os fragmentos que chegaram, roçaram, cheiraram. Uma escrita que pediu passagem, assim foi possível encerrar antes de encerrar, não encerrar também, criar alimento para o que precisa viver, deixar morrer, como uma composteira que acolhe pequenas/grandes mortes para que outras vidas surjam. Como as folhas do outono que caem para alimentar as árvores no inverno. Morrer, pequenas/grandes mortes. Era preciso morrer por aqui. Sem demagogias, mas não precisa chorar, ou precisa.

A pesquisa teve de cometer alguns assassinatos, ora sorrateiro, feito o bote da cobra, que espera, olha, sente, espera, ora daqueles inventados mesmo, porque para morrer não se sabe como, mas é preciso. Thalita me contou que assim que seu pai faleceu ela estava pintando com seus sobrinhos. Enquanto eles, entre pinceladas de tinta guache, conversavam sobre a morte, ela ouvia, até que um sobrinho lhe chamou e disse: - Não é tia, que quando a gente morre a pele acaba?

Como é possível seguir depois dessa? Não sei. Durante a reunião de orientação do nosso grupo pensamos e conversamos sobre essa pele, ou melhor, com essa pele que acaba. Quando a pele acaba ela alimenta outras peles? As peles do mundo? Uma pele acaba? Ou dilata, metamorfoses, vira outras? É bonito pensar na morte assim, como uma pele que inventa e cria outras peles. Mas dói, e é preciso doer mais. Porque é preciso que algo se transforme, entre em decomposição, em metamorfose. É preciso doer para não abafar, sair num grito que vibre a garganta, entoar outros cantos, sons dissonantes, rugidos, barulho de bicho. Doer é também lamber a ferida, cuidar da abertura e cicatrização, doer produz marcas. Ainda não sei como é doer mais num texto. Não um doer como algo que anula a criação, talvez doer mais seja para ser possível ver o que surge entre as águas salgadas, dos olhos, do mar, do mangue, da panela que cozinha o nhoque, olha só minha avó aqui outra vez.

Estou tão assustado que o jeito de entrar nesta escritura tem que ser de repente, sem aviso prévio. Escrever é sem aviso prévio. Eis portanto que começo com o instante igual ao de quem se lança ao suicídio: o instante é de repente.

Clarice Lispector

uma pesquisa deseja

Esta pesquisa quer, esta pesquisa deseja, esta pesquisa pensa que pode, esta pesquisa quer deslocar, derreter, misturar, metamorfosear. Esta pesquisa quer composteira, quer erva daninha, quer serrapilheira. Esta pesquisa pensa que pode escrever com as plantas, com a terra, com as minhocas e os sabiás, pensa que pode escrever com o grito do bicho que é, pensa que pode ser cacau. Esta pesquisa quer a força e a imponência das grandes florestas, quer dar a ver o curso de uma formiga cortadeira, quer desenhar com as gavinhas que se entrecruzam no galho daquela árvore ali, quer acontecer entre o sono e a caminhada, quer dissolver órgãos, controles, sistemas, organizações, quer saber como é ser trama entre seres, quer morder a língua, colocar o corpo pra jogo, inventar um outro corpo, esta pesquisa quer distâncias biológicas, quer afundar o pé na lama, essa pesquisa quer brotar palavras, digerir brotos da bananeira, quer escapar das monoculturas, quer compostar, esta pesquisa quer, quer o mínimo gesto, corromper a escrita, sair pra dar uma volta, levantar pra fumar um cigarro no quintal, sobrevoar pombas, sussurrar no ouvido de um vagalume, esta pesquisa quer começar, quer uma pausa, esta pesquisa quer diluir o passo da pressa, esta pesquisa quer correr, ficar sem fôlego, esta pesquisa está confusa, esta pesquisa quer um caos, esta pesquisa quer as águas, brincar com as águas, quer escrever poemas ruins, quer vomitar esse tédio, quer mandar uma carta de amor, quer cometer algum crime, enganar a polícia, a ciência, quer tatear insegura, quer um desejo de predadores solitários, quer histórias de almas misturadas e sonhos anímicos, quer sentar no chão, surfar no caos, furar o asfalto, acordar de madrugada, quer um fluxo entre outros, quer desistir da consulta ao psicólogo, esta pesquisa quer ser mais complicada que isso, quer pular no rio, escorrer pelo bueiro, tatear a pele do mundo, descamar com uma árvore, armar uma festa, enrolar um cigarro, esta pesquisa quer ser trepadeira, fazer fila com as formigas, escutar as feras, juntar coisas improváveis, costurar um bando, uma bandeirola, um estandarte, um pano, advogar existências mínimas, esta pesquisa quer aprender a ser ninguém, esta pesquisa quer o beijo no rosto do morto, libertar o proibido, cartografar encontros ainda por vir, desenhar um mapa provisório, quer entrelaçar debaixo da terra, transar com os astros, acolher o mercúrio retrógrado, quer afastar esse juiz que ronda enquanto escreve, quer diluir o juiz em nós, quer tecer relações, quer ser como aquelas senhoras que juram que seus gatos as entendem⁸, quer girar e cair, quer reencantar a ciência e a palavra, quer criar novas perguntas, quer conectar modos heterogêneos, quer

uma anarquia ecológica, quer se irritar com a criança que grita e chora, esta pesquisa queria não querer tanta coisa assim, esta pesquisa quer morrer, quer viver, é querer muito? Não sei, mas é tanto desejo pulsando que é preciso experimentar, não é sobre conseguir. Não é sobre conseguir. Ou, talvez seja.

Se essa experiência de misturar isso que é você – ou o que você pensa que é você – com a terra for boa, continue um pouco mais. Até a terra falar com você. Ela fala. E o seu corpo vai escutar. Vamos nessa?⁹

⁹ Referenciar Krenak, Radicalmente vivos.

QUANDO UM TEXTO VIRA UM PANO OU O CONTRÁRIO



Aprender passa pelo corpo
não tem jeito
eu vejo o gesto dela
a lambida na ponta do fio para entrar na
agulha
não se pode segurar muito longe da ponta
nem muito perto
caso contrário ela não entra

algo assim da ordem do imedível

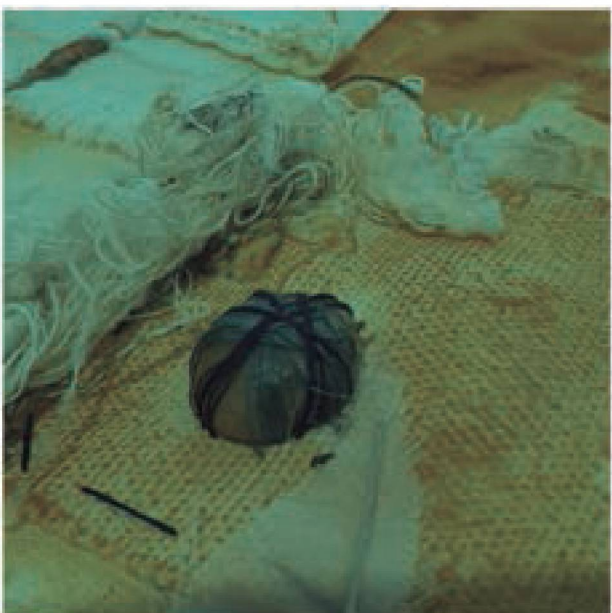
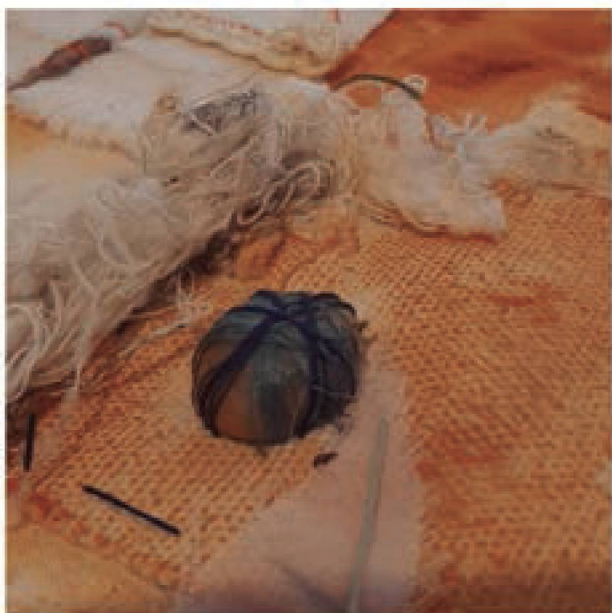
segurar em qual milímetro do fio é
necessário para que acerte o buraco?

um gesto

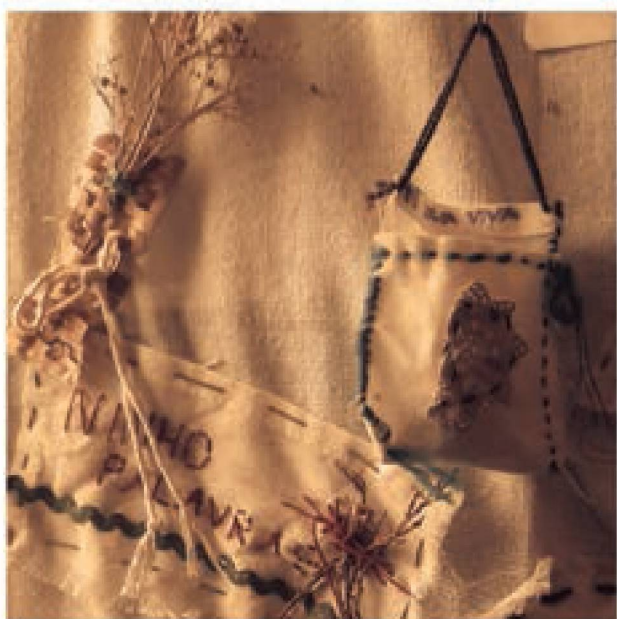
uma lambida num pedaço muito específico
pernas cruzadas ajudam

experimente apoiar as mãos nas coxas

um gesto
apenas



quando pequena saía com seu pai fotógrafo
gostava do rosto que ele fazia quando
fechava um olho e colocava o outro no buraco
da câmera
franzia a testa
ela gostava
imaginava o que ele via
fazia uma foto da foto do que ele via
ela via
ele gostava
lembro do filme da agnès varda
catherine deneuve morreu ontem aliás
ela podia ficar horas o observado tirar um
pulôver
um mínimo gesto
lã roçando na pele
ela gostava
da pele
de ver o que ele via pelo buraco da câmera



às quartas encontrava ivone na sala de
costura

café com leite já doce
garrafa térmica marrom
frisos verticais

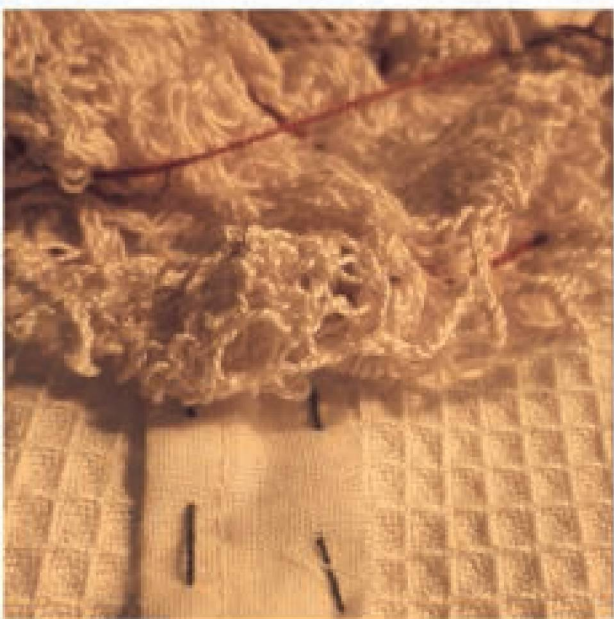
o vidro na porta de entrada
um amontoado de cristais
que eu gostava de colorir

café com leite já doce

ivone ajudava minha avó nas costuras
ela dizia, ivone é muito demorada
não tenho paciência

eu gostava do café doce
eu gostava dela

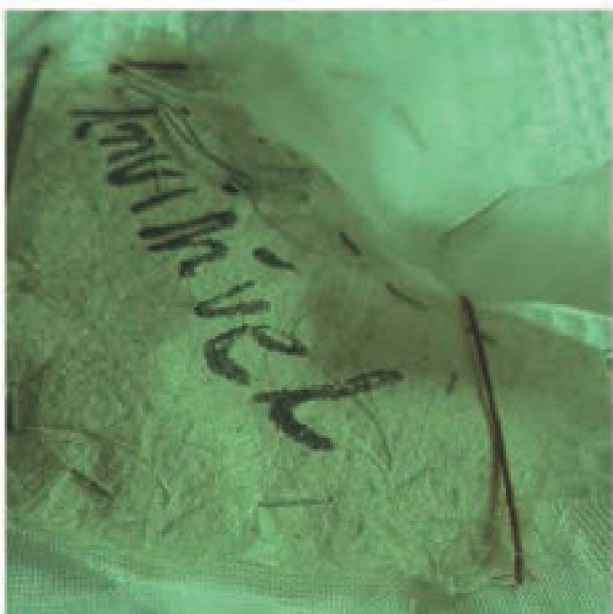
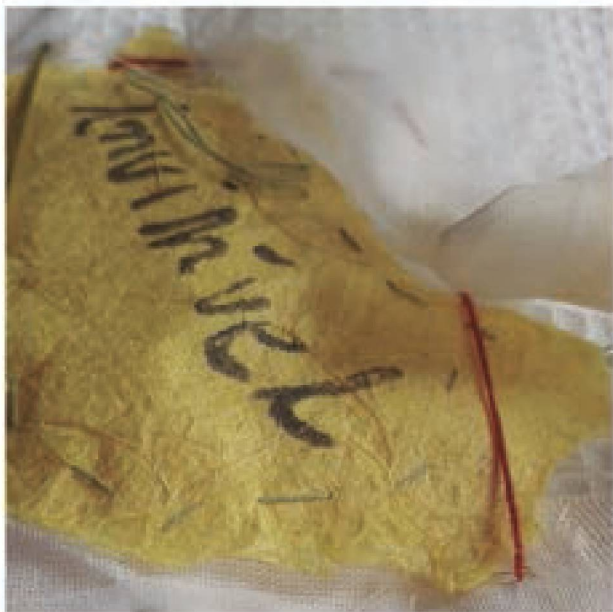
ivone
uma ajudante de demora



ao alinhar
o pano ficava no colo
era preciso um movimento entre pernas
acomodar na pele
o vazio produzia
um entrepeles
pernas no pano
assim
a agulha pode passar de um lado para o outro
deslizante

estava com ele no colo

o quarto um cheiro de lavanda invadiu



imaginei

linhas vermelhas na muda que roubei

as patas de uma aranha

ou uma desorganização

veias cheias de sangue

um roubo necessário

elas queriam vir comigo

eu imaginava

patas de aranha

veias rubras

imaginei que ela gostava



Ela desejou tanto

abriu um ateliê no centro da cidade
ela e a irmã

tinha algo no nome ateliê de que ela gostava
alguma coisa entre a desgraça e a sala de
jantar

durou menos

pouco

não haviam servido nem a entrada e ela
escutou

uma voz masculina

volta pra casa

eu não aguento mais



na varanda da casa sede, cede, sede

era sede

ela tinha

ela tinha

uma linha e um minúsculo pedaço de pano nas
mãos

eu vigiava

as linhas

ela

as pernas cruzadas

eu vigiava

o gesto

as coxas

eram as texturas dos caules que ela bordava

eu acho



Precisava estar com ela nos domingos de
plantão
nada agradável
deveria estar com doze, treze anos
era um tédio interessante
eu gostava de subir no apartamento decorado,
imaginar a minha casa
deitava na cama de lençóis brancos
servia um drink na bancada de mármore
de sandálias altas vermelhas

um dia inteiro na minha imaginação
despertar pela manhã, tomar um drink a noite

pés descalços para não deixar marcas de
gente no apê decorado

nada fora do lugar

cansada de não deixar rastros, descia o
elevador social
encontrava ela sentada atrás de uma mesa
pequena
um painel enfeitado de plantas
arquitetônicas disponíveis ao lado

eu precisava do tédio daquele domingo

ela me emprestou a agulha de crochê, aprendi
com dificuldade a fazer a correntinha
era chato, um tanto cansativo
eu precisava do tédio daquele domingo
aprender demora
fazia sol

aprender num domingo tedioso de sol

lembrei das heterotopias de Foucault
eu gostava dos drinks na bancada de mármore



Era mesmo das linhas

Emaranhados

dos retalhos

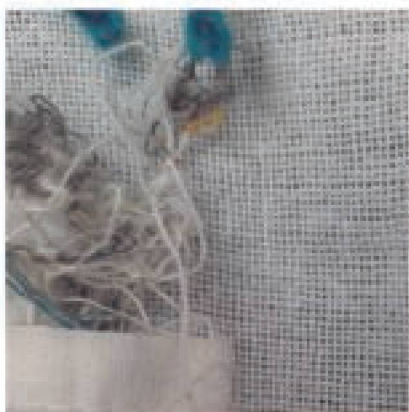
os restos quadriculados em seda creme

os vestidos de festa das filhas

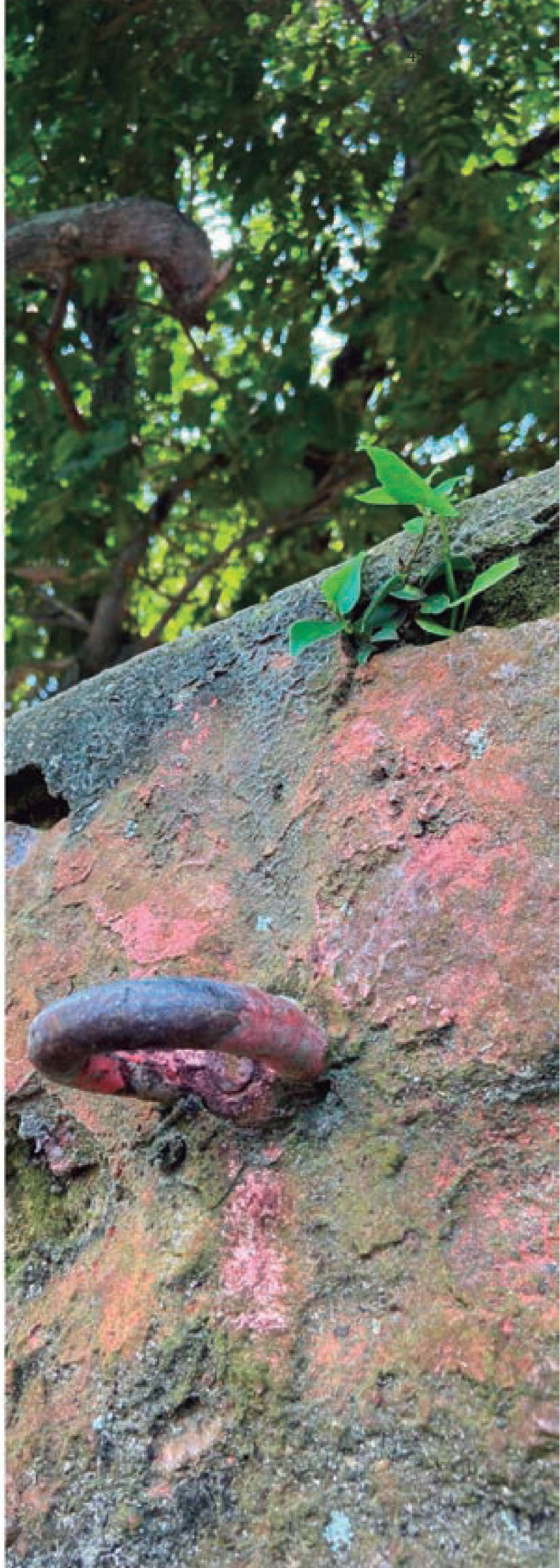
uma teia

um composê

digestão ruminante da sobra do que agora
veste a madame



DERIVAS OU FRESTA FLORESTA



Era possível ver
da cozinha
a aproximação
dos pássaros
fui descobrindo seus
gostos
preferências
tinha até um livro
aves da mata atlântica
do sudoeste
mas foi o tempo
lavando a louça
olhando lá
que ensinou
bananas aos canários
quirera aos bem-te-vi
aprender pode ter
um tempo de olhar



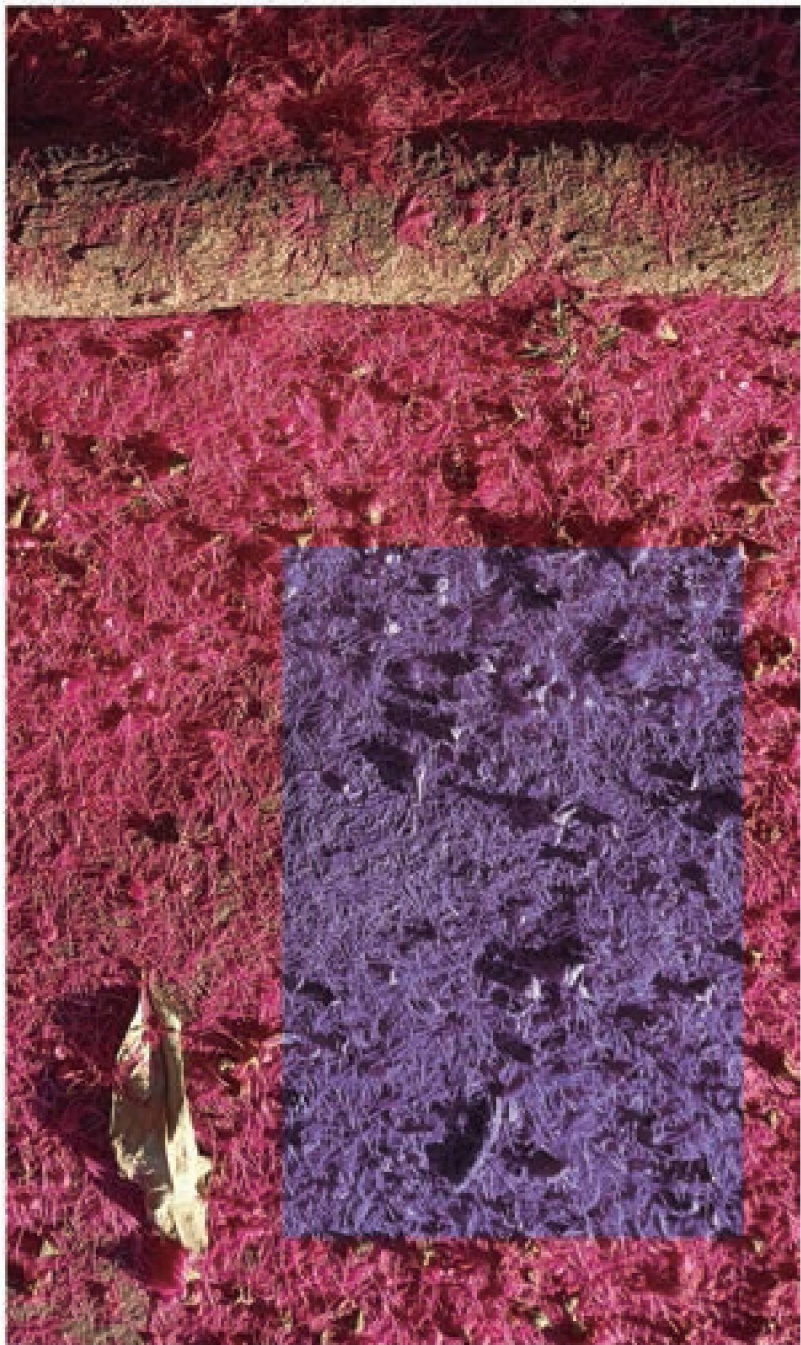
devia ser meio-dia
meio-dia e pouco
eles desciam do andaime
atravessavam a rua e
sentavam num banco
logo abaixo
do sombreiro
de uma árvore
que eu não sei o nome
daquelas que vemos
depois da restinga
tábuas carcomidas
formavam um assento
precário
pote de plástico
acomodado na mão
como quando recolhemos
um pássaro machucado
do chão
a colher levava à boca
o que parecia ser
macarrão
com molho de tomates,
em companhia do mar
eles gozavam o sono
dos que sabem
construir uma casa



por supuesto
aquilo vinha bem a calhar
para o governo do estado
pela orla
faixas destinadas ao ibama
não acabem com o sonho
dos moradores
não acabem com os sonhos
de quais moradores?
as corujas
não se importam
com o sonho dos moradores
as corujas
sonham outros sonhos,
o alargamento da orla prevê
a retirada da restinga
o mar ansioso
fez o trabalho
tombou o que não se
sustenta,
poderia molhar
as cerâmicas italianas
da casa de veraneio
por supuesto



estava frio
mas era preciso
chegar até o mar
ventava muito
mas era preciso
manusear os papéis
a cachorra jogava areia
nos pareceres
deu conta de
desorganizar as páginas
lendo assim
descobri
uma língua outra
ela dizia,
talvez precise
brincar mais



tem horas que preciso
escrever em pé
percebi que o peso da mão
é maior ao tocar o teclado,
deve ser a gravidade.
Preciso escrever em pé....
enquanto escrevia *preciso*,
escrevi *prefiro*



o braço do rio
abraça à margem



penduram bandeiras e bandeirolas

as pipas enroscam

os guris

esperavam a quermesse

pacientemente

bolas de gude não voam



ele dizia
deus faz e o diabo junta

e sorria



esculpia com uma destreza pica-pau

peixes de madeira
pendurados

uma pescaria

pela manhã
o mar visitava a oficina



UMA CONVERSA VIRA-LATA

"da política."

ELABORAR AUSÊNCIAS
DE SENTIDO!

Tem dado pitanga a rodo aqui, já congelei, vou fazer geleia, bati no suco, ficou amarga, eu lembro de catar pitanga na infância. A receita da Águila, minha prima, é sem dúvida a melhor. Ainda sinto falta dela, agora mesmo estive um pouco triste. Tem sido assim, um vai e vem de ficar um pouco triste. Quando ficar triste cansa a alegria dá o ar da graça. Tenho vontade daqueles nossos encontros na sua casa, sabe que consegui acertar nas mudas de alecrim que trouxe da última vez. Com você, as mudas. Com a Águila a geleia. Com os alecrins aprendi a dar o ar da graça. Tem clarice hoje pra você.

Isso não é um lamento, é um grito de ave de rapina. Irisada e intranquila. Tenho um pedacinho de âmbar comigo. O cheiro me faz ser irmã das santas orgias do Rei Salomão e a Rainha de Sabá. Benditos sejam os teus amores. Será que estou com medo de dar o passo de morrer agora mesmo? Cuidar para não morrer. No entanto já estou no futuro. Esse meu futuro que será para vós o passado de um morto.

Ósculos e amplexos,

gt.

de
menhã
domine
perle de
meio-
dia
acordou.

37,5°C

Sinto uma febre tomar conta de mim. Enquanto te escrevo meus dedos parecem não fazer nenhum esforço a mais do que o necessário, para pegar a caneta e desenhar algumas palavras, penso se não deveria ser sempre assim escrever. Sei que agora já devo estar sentindo a brisa da minha insônia, tenho até tomado melatonina. Acho que ando tão interessada pelo mundo que não quero perder nada. Sabe, igual quando somos crianças e estamos de férias com os primos e somos a última a acordar pela manhã. Terrível. Isso que eu venho aprendendo, a perder. Mas agora me insiste essa coisa de broto jovem de não querer mais dormir. Te digo, meus dedos deslizam por vontade própria agora e isso é bom. Sinto mais fome também, com uma leve e inédita inclinação aos doces. Só os dedos se mechem, minha cabeça que tá passeando por aí, deixou em paz os dedos. Pensei em fechar os olhos e rabiscar algo pra você, mas me pareceu um tanto infantil. Já brincou de deslizar os dedos numa página? Já sentiu a textura de um A4? Sei que combinamos de terminar as cartas com um trecho de algum livro, já que tô sonambula vou abrir aqui de olhos fechados e ver no que dá. Falamos!

Outras experiências colaborativas desse tipo aconteceram desde então, muitas vezes por iniciativa das próprias comunidades. Assim, a comunidade de compostagem 'Alalã, no Havaí, solicitou nossa ajuda para a tradução de um poema escrito pelos corvos nativos do arquipélago e no qual se constatou que eles manifestavam sua tristeza pela ideia do desaparecimento - não conseguimos determinar se era tristeza pela própria extinção ou se era uma referência à perda de seus congêneres, mas os 'Alalã sugeriram que os próprios corvos talvez não fizessem essa distinção.

Ósculos e amplexos,

gt.

↳ ferida que atarga o
possível e o pensável.

ACIDENTAL - tem algo não
planejado, de ordem do aconte-
cimento.

Cheguei tarde ontem, tomamos um chá de aeroporto, eu e Lúcia. Por isso não te escrevi. Cansadas procurávamos entre letras e número o tal 408 Q, alguma coisa assim bem matemática. O motorista explicou, do lado lá da avenida são os ímpares, do lado de cá os pares. Vocês estão nos pares. Estamos começando a entender a lógica das superquadras, a cada uma, existe a rua do comércio. Onde se mora, não se vende. Onde se compra, não se mora. Engraçado, né? Demorou um pouco, mas encontramos a nossa, de apelido SQS 408. Você acredita que os blocos de apartamento vêm descendo em ordem alfabética. O nosso se chama Q. Esta é uma cidade assim, em blocos, deve ser fácil se perder por aqui. Estamos tomando um pouco de cuidado para não invadir as casas alheias, os prédios são todos iguais, um pouco sem graça. Tem uma terra cor de ocre por aqui, muitas mangueiras, catei algumas mangas ontem enquanto caminhava. Estavam doces e quentes. Aqui faz muito calor. É muito fácil se perder aqui. Nesta época do ano refresca um pouco durante a noite, tenho dormido com uma manta fina, muito confortável. Tomei um banho demorado ainda a pouco, deitei-me e não consigo pegar no sono, fiquei pensando como é possível colocar mangueiras em ordem alfabética. Tenho achado tudo muito engraçado. É fácil se perder por aqui. Hoje retomei a leitura de um livro que estava começado, vou escrever aqui para você, como combinamos.

Em diferentes lugares, tem gente lutando para este planeta ter uma chance, por meio da agroecologia, da permacultura. Essa micropolítica está se disseminando e vai ocupar o lugar da desilusão com a macropolítica. os agentes da micropolítica são pessoas plantando horta no quintal de casa, abrindo calçadas para deixar brotar seja lá o que for. Elas acreditam que é possível remover o túmulo de concreto das metrópoles. Penso muito na música "Refazenda" do Gilberto Gil, naqueles versos que dizem: Abacateiro/ acataremos teu ato/ nós também somos do mato/ como o pato e o leão".

Ps. Lembra que ouvíamos muito essa música na casa da Joana?

Ósculos e amplexos,

gt.

AUDIO 27

Curar-me é um
gesto político.

Tocava lulu santos ao fundo, *da onde ninguém imagina, demolirá, toda certeza vã e não sobrará pedra sobre pedra*. Dava pra perceber que era um bar daqueles do litoral, que teimam em fazer guarda sóis de sapê, tá meio anos 90 isso, lembrei de *ou numa casinha de sapê*. Imaginei a cara que está fazendo enquanto me lê agora. Aquela quando levanta só a sobrancelha esquerda. Tenho medo dessa cara, já te disse. A questão é que eu havia levado aquele livro, que me indicou, para ler em uma sombra que encontrasse pelo caminho. Aliás, comecei a lê-lo ontem mesmo, fiquei chocada com o beijo do urso, desisti um pouco, precisava alimentar a cachorra e ainda descongelar o feijão para amanhã. Resolvi lavar as louças que ficaram, antes de dormir. Olhei para as árvores do terreno que ficam diferentes a noite. Imaginei um urso, não aquele, um urso outro, da minha imaginação, nem adianta eu tentar te dizer como ele era, mas tinha olhos profundos. Agora já estou na cama e ela escreve isso aqui ó, eu sei que você já leu, mas quero que leia outra vez, por mim, vê se escuta minha voz lá no fundo.

Estou deitada na cama, acabo de desligar o telefone. Falei com minha terapeuta, Liliane. Eu a conheço faz muito tempo, foi ela quem me ajudou quando meu pai morreu, há catorze anos. Tento refletir sobre o que ela acaba de me dizer. O urso materializa um limite. O acontecimento "urso" e suas consequências exigem que eu renuncie de uma vez por todas à violência com a qual estou no mundo. Recapitulando: no encontro entre mim e o urso, em seu maxilar contra o meu maxilar, existe uma violência inaudita, que exprime a violência que trago em mim. Desenrolando o fio do pensamento dela, fui procurar do lado de fora algo que está em mim, o urso é um espelho, o urso é a expressão de alguma coisa que não ele mesmo, algo

que concerne a mim. Eu me deito de costas, me concentro nas gotas que escorrem na janela da mansarda. Fico aborrecida. Pior que isso, irritada. É inteligente como raciocínio. A palavra que me vem a mente: clever. Mas alguma não bate, algo de essencial, que não consigo captar totalmente por enquanto. Fico resmungando enquanto ouço a chuva. Odeio esse sentimento de renúncia que aflora. O que foi que aconteceu aqui para que os outros seres sejam reduzidos a refletir apenas nosso próprio estado de espírito? O que fazemos da vida deles, de suas trajetórias no mundo, de suas escolhas? Por que é que nessa história e para desenredar os fios do sentido seria preciso que eu atribuísse tudo a mim, aos meus atos, ao meu desejo, à minha pulsão de morte? Porque aquilo que está no fundo do corpo do outro será para sempre inacessível a você, Liliane teria fatalmente me respondido.

Ósculos e amplexos,

gt.

JO EU NÃO MORRO!

• CONTINUAR POESIA •

(leituras adicionais - K

Estava ouvindo aquela que a Bethânia canta, ah bruta flor do querer, ah bruta flor, bruta flor. Os quereres, não é meu bem? Hoje bem que eu quis mesmo sair, caminhar pelo centro misterioso nos domingos a tarde. Almoçar quem sabe naquele restaurante chinês suspeito, o único aberto, imagino. Faz trinta e quatro graus na sombra, preciso escrever, eu sei, minhas mãos estão suando muito. Coloquei a parte de cima do biquini, o sol bate direto na sala a essa hora em novembro. Eu queria mesmo suar no samba do janaíno. Enchi a banheira com o chuveirinho da pia, sabe? Cortei o barato do sol e uns galhos do manjeriço.

Mas não esperem que alguém fale claramente de memória para se referir à inúmeras atividades vegetais análogas àquelas que nos animais requerem o uso do cérebro. Quando se fala de plantas, que não têm cérebro, geralmente termos específicos são inventados: aclimatação, endurecimento, estado de alerta [priming], condicionamento...Todas essas acrobacias linguísticas foram criadas ao longo dos anos por cientistas, a fim de evitar o uso do velho, conveniente e simples termo "memória". No entanto, todas as plantas são capazes de aprender com a experiência e, portanto, possuem mecanismos de memorização. Exemplificando: se uma planta qualquer, digamos uma oliveira, for sujeita a um estresse como seca, salinidade ou algo parecido, ela responderá implementando as modificações necessárias na anatomia e no metabolismo para garantir a sobrevivência. Até agora nada de estranho, certo? E se, depois de certo período, propusermos o mesmo estímulo à mesma planta, talvez com intensidade até maior, notaremos um dado aparentemente surpreendente. Ela responderá melhor ao estresse. Portanto, aprendeu a lição! Ela registrou em algum lugar as soluções usadas e, quando necessário, rapidamente as recuperou para reagir com mais eficiência e

precisão. Enfim, aprendeu e conservou na memória as melhores respostas, aumentando as chances de sobrevivência.

Ósculos e amplexos,

gt.

TD

Habitar lugares subjetivos de fragilidade.

Desejo de conhecer e de se aventurar.

Tenho um sonho recorrente, você já conhece. Aquele em que eu estou dirigindo numa estrada cercada por florestas de pinheiros, no horizonte somente a linha recortada da estrada reta entre os verdes altos, escuros. Tem neve por tudo, nos caules, no chão, na estrada. Eu paro, subitamente, abro a porta do carro e corro, corro muito, depressa até que no colo de um pinheiro vejo meu corpo deitado na manta de neve e galhos secos. Não sei porquê, mas me recolho e volto a correr pela floresta até o carro. Me coloco no banco traseiro, entro, ligo o ar quente no máximo e dirijo alucinadamente não sei bem pra onde. Aí acaba, lembrou? Pois bem, decidi de uma vez por todas, não vou contar nada disso na terapia, vão querer fazer algo com ele, o sonho.

Nesse momento da minha pesquisa, George pediu asilo nos meus sonhos. Mas o fez de uma maneira tão indireta que precisei, para captar sua presença, aprender a arte de rastrear as coincidências.

Foi na época em que eu estava preparando uma de minhas conferências sobre os mortos. De fato, para dizer a verdade, eu ainda não a estava preparando, mas me dizia todos os dias: você tem que fazer isso. O que é uma maneira de preparar, embora não tenha todas as garantias de eficácia, e que aumentava a ansiedade, ao invés de diminuí-la. Eu estava começando a fazer crochê e fazia intermináveis correntinhas que juntava umas nas outras, esperando que aquilo que eu não conseguia fazer com meus pensamentos, meus dedos acabariam me ensinando.

Então, veio o sonho.

Ósculos e amplexos,
gt.

Como é que nós lidamos com aquilo que nos acontece? Como é que a gente aprende a ouvir o que o corpo pede? Porque as vezes ele grita

Isso pode muito bem ser a salvação. No papel tá escrito 'trazer a anamnese preenchida para o dia do exame'. Será que se eu colocar - não, nunca tive - em resposta a todas aquelas perguntas vão desconfiar que menti descaradamente? A questão é que tenho sentido febres frequentes.

O futuro é pura força de metamorfose, capaz de existir não apenas como uma tendência de um corpo individual, mas como um corpo autônomo, como o pólen que voa no ar: um recurso infinitamente apropriado. O porvir é o fato da vida e sua força estarem em todo lugar e não poderem pertencer a nenhum de nós, nem enquanto nação, nem enquanto espécie. O porvir é uma doença que obriga os indivíduos e as populações a se transformarem. Uma doença que nos impede de pensar nossa identidade como algo estável, definitivo, real.

O porvir, afinal de contas, é a doença da eternidade - um tumor somente dela. Mais benigno. O único que nos faz feliz.

Não temos que nos proteger dessa doença. Não precisamos de vacina contra o vírus do tempo. Inútil. Nossa carne nunca deixará de mudar. Devemos ficar doentes, muito doentes. Sem ter medo de morrer. Nós somos o futuro. Nós vivemos depressa. Nós morremos com frequência.

Ósculos e amplexos,

gt.

Investigativo.

(*) Uma pequena insignifi-
cância!

Sabe que andei aqui relembando muito dos dias de verão na casa da minha avó. Sei que já te contei das costuras, do nhoque, da farinha que suja o avental. Te contei também das roseiras, do jardim, das madames e seus motoristas. Parei no retalho. Fiquei no resto. Nem tudo é assim como um mar de rosas, ou sabiás que cantarolam, menos ainda como aquelas mangueiras frondosas. Ou talvez fosse assim mesmo, bonito e trágico. Uma tensão rondava a casa, tinha cheiro de ferro fundido, doíam as unhas roídas da minha tia.

Que horas ele chegaria? Trançando as pernas...

Peguei uma receita dos pêssegos em calda. É época de pêssegos.

Os guaranis chamam a garganta de ahy'o, mas também de ñe'e raity, que significa literalmente "ninho de palavras-alma". É porque eles sabem que embriões de palavras emergem da fecundação do ar do tempo em nossos corpos em sua condição de viventes e que, nesse caso, e só nele, as palavras têm alma, a alma dos mundos atuais ou em gérmen que nos habitam nesta nossa condição. Que as palavras tenham alma e a alma encontre suas palavras é tão fundamental para eles que consideram que a doença, seja ela orgânica ou mental, vem quando estas se separam - tanto que o termo ñe'e, que eles usam para designar "palavra", "linguagem" e o termo anga, que usam para designar "alma" significam ambos "palavra-alma". Eles sabem igualmente que há um tempo próprio para sua germinação e que, para que esta vingue, o ninho tem que ser cuidado. Estar à altura desse tempo e desse cuidado para dizer o mais precisamente possível o que sufoca e produz um nó na garganta e, sobretudo, o que está aflorando diante disso

para que a vida recobre um equilíbrio - não será esse o trabalho do pensamento propriamente dito? Não estará exatamente nisso sua potência micropolítica? Não estará exatamente nisso sua potência micropolítica? Não será isso que define e garante sua ética? E, mais amplamente, não será nisso afinal que consiste o trabalho de uma vida?

Ósculos e amplexos,

gt.

e' o que pode chegar

COM QUE CARA!

→ Como que você ass

Esse mês encontrei o zé, aquele com ascendente em escorpião. Falamos das casas que desabam com o tempo e alegam as grandes empreiteiras. Mais um daqueles garden's city com sete opções de plantas. A casa era sede da banquinha da morena. A secretaria de urbanização chegou logo depois dos bombeiros. Nas esquinas os vizinhos comentavam, será que tinha alguém lá dentro? Ontem passei ali, pelo buraco entortado do tapume consegui ver os cacos dos azulejos azuis que cobriam a parede. Peguei um pedaço deles, tá aqui naquele meu altar de coisas que não prestam.

Mas o que acontece quando o fundamento perde toda a autoridade e legitimidade? Ou, então, quando esmaga as existências com a sua autoridade e as priva de realidade? Nesse caso, as existências não deveriam conquistar por elas mesmas a realidade que lhes falta? Esse é o problema. Como uma existência pode conquistar por ela mesma sua legitimidade? Estaríamos, então, na situação de Kafka que espera “de cada instante uma nova confirmação da sua existência”? De onde pode vir essa confirmação, se estamos privados de qualquer direito de existir? O que resta a um ser quando seu modo de existência é contestado? Que espaço-tempo ele ainda pode ocupar legitimamente? “tenho apenas meus passeios para fazer e dizem que isso deve bastar, mas, por outro lado, ainda não existe lugar no mundo onde eu possa fazer meus passeios?”. Não há mais nenhuma terra, nenhum solo, onde colocar os pés.

Onde encontrar em si mesmo os recursos para legitimar determinado modo de existência singular? Como tornar as existências mais reais? Talvez as existências devam se submeter a outras existências

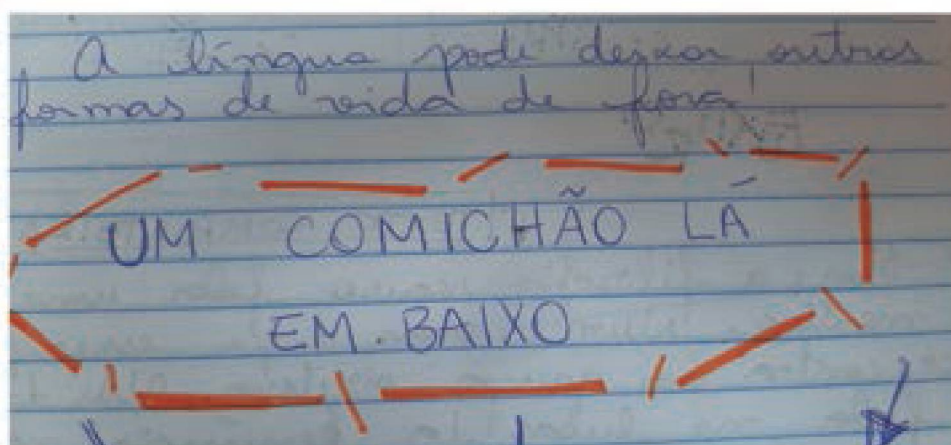
*para se colocarem elas mesmas ou se consolidarem,
e inversamente. Não existimos por nós mesmos; só
existimos realmente porque fazemos existir outra
coisa.*

Ósculos e amplexos,

gt.

A língua pode deixar outras
formas de vida de fora!

UM COMICHÃO LÁ
EM BAIXO



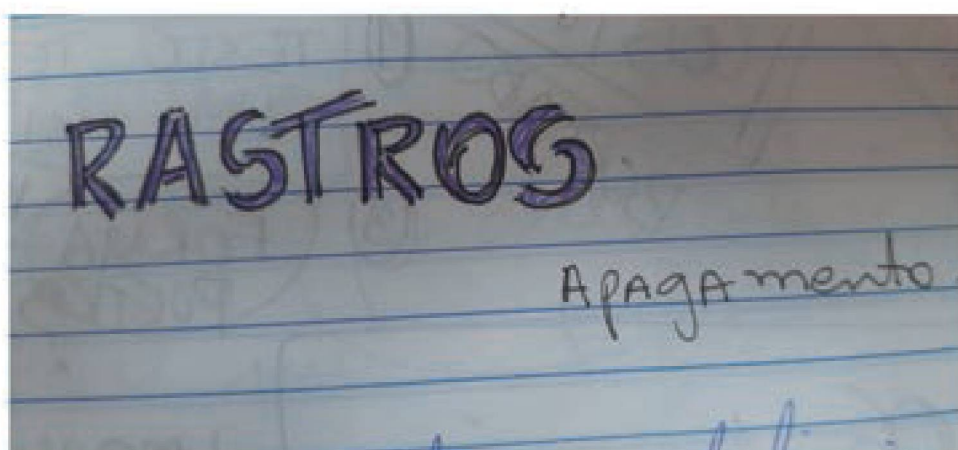
Estive um pouco distante, eu sei. Ando tendo alguns dias cinzentos por aqui. Já chove a quinze dias nessa cidade. Começa uma tempestade, logo meu coração palpita excitado, colo o nariz na janela, tento ver algo por entre os pingos que batem e escorrem no vidro. Tempestades assobiam também, abaixo o volume da televisão. As gatas estão entretidas com a mariposa que ronda o lustre de pequenas pedras coloridas. Tempestades miam. A cidade se limpa, lambe a ferida, felina que é.

Os detalhes importam: eles vinculam seres reais a responsabilidades reais. Os pombos e seus parceiros de muitos tipos, incluindo pessoas humanas, fazem história ao redor do mundo, atuando como espiões, corretores, mensageiros, vizinhos urbanos, exibicionistas sexuais iridescentes, progenitores aviários, assistentes de gênero para seres humanos, sujeitos e objetos científicos, correspondentes em projetos de arte-engenharia e meio ambiente, trabalhadores de busca e resgate no mar, invasores do império, conhecedores de estilos pictóricos,, espécies nativas, animais de estimação e mais. Cada vez que uma estória me ajuda a lembrar de algo que eu achava que sabia, ou me apresenta a novos conhecimentos, um músculo fundamental para importar-se com o florescimento faz um pouco de exercício aeróbico. Esse tipo de exercício potencializa a complexidade do pensamento e do movimento coletivos. Cada vez que rastreio um emaranhado e agrego alguns fios – que a princípio pareciam caprichosos, mas que acabam se tornando essenciais à trama – entendo um pouco mais a ideia de que ficar com o problema da

mundificação complexa é a regra do jogo de viver e morrer bem conjuntamente na Terra, Terrápolis.

Ósculos e amplexos,

gt.



Eu me lembro daquele dia que estávamos com as primas no norte do paraná, era carnaval. Eu tinha de certo, uns cinco anos e você me fantasiou de carmem miranda, vejo a foto com o chapéu de frutas e o colar de bolas cor de vinho que chegava até o meu umbigo, um vestido branco e sandália de tiras. Não me recordo se fomos ao bailinho, ou qualquer outro lugar. O tempo parou ali. Recorda es e imagens se confundem a todo momento. Ando criando novas, memórias, crias virtuais, assim o tempo pode me encontrar em algum tempo que virá, talvez.

Os dizeres de nossos ancestrais nunca foram desenhados, São muito antigos, mas continuam sempre presentes em nosso pensamento, até hoje. Continuamos a revel -los a nossos filhos, que depois da nossa morte, farão o mesmo com os seus. As crianças não conhecem os xapiri. No entanto, prestam aten o nos cantos dos xamãs que os fazem dançar em nossas casas.   desse modo que, aos poucos, as palavras dos maiores v o fazendo seu caminho nos pequenos. Depois, quando ficam adultos, tornam-se por sua vez capazes de d -las a ouvir. É assim que transmitimos nossa história, sem desenhar nossas palavras. Elas vivem no fundo de nós. Não deixamos que desapareçam. Desse modo, quando um rapaz quer por sua vez virar espírito, pede aos xamãs renomados de sua casa para lhe darem seus xapiri. Estes então lhe transmitem antigas palavras, que se instalam nele e vão se renovando e aumentando com o passar do tempo.

 sculos e amplexos,

gt.

* Revolução molecular - onda
cão - ocorre em todos
 os níveis

FRUSTAR ...

* Desejar e passar por desvies
 e modos de... antes de ter

Tem algum tempo estou tentando fazer caminhadas durante a semana. Meu corpo pede, preciso trocar uns passos com o chão, lá de fora. Quão solitária é a escrita. Quando tudo trava, sabe, procuro um lugar qualquer como destino, mudo as rotas, desvio dos caminhos corriqueiros, paro no meio da rua. Uma buzina. É preciso assustar a escrita que está aqui, no corpo e nos gestos das samambaias que surgem da margem concretada do rio belém. Tem vezes que passeio mesmo com os olhos, mas existe um trote disponível, um ritmo em comum. Assim, as palavras costumam dançar pra mim. Amanheceu quente hoje, de novo. Tá um forno.

- Quando se faz uma cura, como aquela de outro dia, para o Sabino, como o tabaco age? Sendo você quem fuma, como ele pode curar a pessoa que não fuma?

- Como sempre digo, o tabaco tem a propriedade de mostrar a realidade das coisas. Eu consigo vê-las como são. E ele expulsa todas as dores.

- Entendo, mas como se descobriu essa propriedade? O tabaco dá espontaneamente na floresta?

- Há um lugar, Napiari, com grandes quantidades de tabaco.

- Onde fica?

- No Perene. Soubemos do seu poder pelo ayahuasca, esse outro vegetal, porque é sua mãe.

- Quem é mãe de quem? O Tabaco ou o ayahuasca?

- O ayahuasca.

- O tabaco é seu filho?

- *É seu filho.*

Ósculos e amplexos,
gt.

é saber com a ação, pois, não
tem uma crise.

Como é que eu vou suportar na
meu corpo o acontecimento.

Não consegue fazer de conta
que ele não exist, não consegue
domesticar, nem interpretar.

↳ a mordida da fera!

Foi a mãe que me disse, Iansã e Ogum, muito quente. É preciso resfriar. Quando o guerreiro toma a frente, ela sente, fica triste, brava até. É preciso esfriar para que as massas de ar que deslocam os ares possam se encontrar. Na marra não dá. Uma onda quente encontra uma onda fria e aí sai por aí, levantando as folhas do chão, bagunçando minhas anotações na mesa da sala, fazendo dançar as samambaias penduradas, que giram suas saias de fitas. Ô gira, deixa a gira girar. Os banhos de manjerição têm acontecido com frequência, o calor me toma de um jeito, como febre, arde, atropela os biarticulados movidos a biocombustíveis. A febre me coloca em movimento, mas é preciso parar. Vou limpar as folhas que ficaram na banheira. Pensei que a água pudesse apagar esse fogo todo. Acabei de ver a notícia de um grande incêndio numa distribuidora de combustível em chapecó. Pensei na febre como combustível, tão perigosa quanto necessária. Aumentar a temperatura em alguns graus. Cuidado, pode te queimar.

Qual é a estória de um cheiro? Não uma etnografia do ato de cheirar, mas a estória do cheiro mesmo a adentrar as narinas de pessoas e animais, ou até mesmo a introduzir-se em raízes de plantas e membranas de bactérias no solo? O cheiro nos conduz para dentro dos fios emaranhados da memória e das possibilidades.

Cheiros são bem elusivos. Seus efeitos nos surpreendem. Não sabemos bem como descrever um cheiro em palavras, mesmo quando as nossas reações são fortes e incontestáveis. Os humanos respiram e sentem o cheiro pelo mesmo influxo de ar. Descrever cheiros parece ser tão difícil quanto

descrever o ar. Mas o cheiro, diferente do ar, é um sinal da presença de um outro ao qual já começamos a responder. As reações nos levam a um lugar novo; não somos mais nós mesmos – ou, pelo menos, não como éramos: tornamo-nos nós mesmos no encontro com um outro. Encontros são, por sua natureza, indeterminados; somos transformados de forma imprevisível. Seria o cheiro, em sua mistura confusa de fugacidade e certeza, um guia útil para a indeterminação do encontro?

Ósculos e amplexos,
gt.

outros modos de *

O CARA MAIS UNDERGROUND
QUE EU CONHEÇO É O DIABO!

Ai, ai

Ando dizendo muito esse tal de “ai, ai”. Fico pensando aqui, o que dói tanto. Mas isso pode ser uma maneira de suspirar a vida, eu andei pensando. Você iria entender o que eu digo, lembra quando lemos um capítulo da Clarice que dizia da *hora perigosa da tarde*? Pois é, ultimamente tenho tentado fazer com que a tarde desapareça. Adoro as manhãs, eu realmente tenho um bom humor irritante. Agora, a tarde. Ahhh, a tarde, não me serve para nada. Um intervalo entre as horas boas do dia. Tem dias que fecho a cortina, deito no sofá e fecho os olhos. Assim ela passa despercebida. Tenho tramado algo com a tarde. Nem ela, nem eu ganhamos. Gosto das chuvas que caem após o almoço. Fico sentindo a tarde escorrer pelos bueiros da cidade ou absorvida pelos pequenos jardins das casas da rua. Minhas samambaias estão lindas, você deveria ver. Assim é bom. Gosto da chuva que cai após o almoço. Seguimos conversando, hoje estou tentando negociar aqui com os tempos cronológicos. Busco algumas determinações poéticas para o tempo, mas a tarde não dá. Sinto muito!

A cidade foi invadida pela indústria e pela produção e transformou a lógica de vida coletiva em vida privada. É precioso observar que os registros sobre os maias e os astecas falam de uma cultura com muita urbanidade, mas em um sentido expandido. Não evocam propriamente a cidade, mas um modo de ser e pertencer a uma dinâmica coletiva. Nesse sentido, os xinguanos, em suas cidades-jardim, também tem muita urbanidade. Quando Davi Kopenawa narra as alianças entre os humanos e os xapiri, os espíritos da floresta, está falando da mesma coisa. Temos que reflorestar o nosso imaginário e, assim, quem sabe, a gente consiga se reaproximar de uma poética de urbanidade que devolva a potência da vida, em vez

*de ficarmos repetindo os gregos e os romanos.
vamos erguer um bosque, jardins suspensos de
urbanidade, onde possa existir um pouco mais de
desejo, alegria, vida e prazer, ao invés de
lajotas tapando córregos e ribeirões. Afinal, a
vida é selvagem e também eclode nas cidades.*

Ps. Reflorestar o nosso imaginário. Achei bonito!

Ósculos e amplexos,

gt.

TENTANDO ESGARÇAR!

Trazer o sem medida.

O que é um gesto cria-
dor?

... a dife-

Preciso te contar uma coisa estranha, lembra que fiquei quinze dias na casinha da Leda, aquela que tem uma chacinha perto do morro do canal? Pois então, queria te falar do silêncio, dos barulhos que ouvi antes de dormir, não reconheci as falas dos bichos que cantavam. É preciso um outro ouvido lá, alguma língua talvez eu precise aprender para conversar aqui, por hora ando latindo, brinco com a cachorra desajeitada. Ela parece entender. Tenho vontade de voltar pra minha casa. Mas decidi ficar mais um pouco, vai ver aprendo a conversar com pássaros, flores e morros. Quero olhar para as minhocas, para o bolor na casca da laranja, gosto deles. Dariam uma boa poesia brega. Quem sabe.

Em todos os sentido, vejo o olhar que estou tentando pensar e sentir, como parte de algo que não é próprio nem do humanismo nem do pós-humanismo. Espécies companheiras - que se comoldam até o fim, em toda sorte de temporalidades e corporeidades - são minha expressão desajeitada para um não humanismo no qual espécies de todas as variedades estão em questão. Para mim, mesmo quando falamos apenas de pessoas, as separações de categoria animal/ humano/ vivo/ não vivo se desgastam no tipo de encontro que vale a pena olhar. O olhar ético sobre o qual estou tentando falar e escrever pode ser experimentado através de muitos tipos de diferenças de espécie. A parte adorável é que nós podemos saber apenas olhando e devolvendo o olhar.

Ósculos e amplexos.

gt.

Tente escrever mais um
Consigna.

Palavra performativa!

TREMO DE MEDO!

O bicho de dentro se

gt,

Bem: as palmeiras brilham mais que ouro. Walter Benjamin tinha razão sobre os círculos - quanto mais se roda em volta do amor, mais o amor se expande. A filosofia é uma matemática muito esclarecedora e qualquer dia ainda vai salvar o mundo. Bem, quatrocentos anos depois e você & eu ainda somos uma espécie de Ferris Bueller's Day Off. Ó, você viu os coros dos meninos na avenida? A alegria é um carro de bombeiros todo enfeitado de penas e cavalos bravos, atravessando tudo. A liberdade se faz inteira debaixo da palavra, entre um músico Tang e um jarro de Oaxaca. Os continentes se aproximam docemente e, como você me explicou, o selvagem europeu ainda vai soltar seu esplendor. Acredito muito que ninguém mais espera, principalmente depois que dei de caras com o dorso da baleia solitária. Todo canto tem um tom, e a maioria dos mamíferos se agrupam pelo reconhecimento de uma musicalidade comum. Sim, o fadista vai escolher o fadista, e as manadas de baleia costumam espalhar seu sopro de cerca de 20 hertz por oceanos infinitos. Em comunhão. Mas imagine você que em 1989 alguém descobriu uma baleia que canta solitária a 52 hertz - sem primos, sem irmãos, sem melhor amigo, sem ilha onde fazer um pit stop. Ninguém vocaliza na sua frequência, ouvido nenhum escuta seus 52 pontos. Há milagres. Depois do surgimento da baleia solitária, depois dos círculos de Benjamin, depois do desdobramento do poema XIX, depois do berlinde de Seymour Glass sendo girado no dedo do jogador de basquete, me diga, como não acreditar no brilho natural que diariamente resplandece no peito da terra? Bem, seu rosto de espanto frente ao sorvete de morango numa tarde de domingo é a manobra que puxa o lustro à pele do planeta. Benzinho, estamos invertendo a profecia de Eliot. Estamos curando o resfriado de Madame Sosostriis, e esta coisa da alegria ainda vai dar muito certo. Seja como for, dê por onde der, seguimos usando o colar de pérolas que é feito dos

olhos do marinheiro fenício. No que depender do amor,
para além da paixão e para além do desejo: ninguém
mais se afogará.

Um cheiro,

mc.

que passe alguma coisa
Quando eu puder, vou
escrever sobre isso!

Pistas ou um banquete ou selvageria

Como já tratado no texto de abertura desta tese, autores, teorias, conceitos, e, e, e... foram antropofagicamente incorporados na escrita, é possível sentir algum cheiro de decomposição e visualizar novos brotos que surgem por entre as palavras. Necessita de uma atenção dedicada e delicada, um outro ouvido para captar os sussurros que rondam as páginas. Não desconfiem, entrem nesta composteira, inventem pássaros, rios, antepassados, vermes, teorias, barulhos, composições. Assim que entrego este texto ele é do mundo, de vocês. É possível escrever à margem dele, grifar, rasgar, apagar, incluir, desenhar. É possível até tocar tambor com ele, ou fazer uma fogueira.

Proponho uma conversa e uma conversa não é um roteiro.

Escolhi algumas pistas ou alimentos que aparecem, em digestão, nas cartas.

Bon Voyage,

gt.

Matilde Campilho em *Jóquei*

Minha avó em *Sala de costura*

Pombos em *O centro*

Clarice Lispector em *Um sopro de vida*

Jeremy Narby em *A serpente cósmica: o dna e a origem do saber*

Recém-nascido em *Uma incubadora*

Davi Kopenawa em *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*

Vírus em *Infecções e as mucosas*

Maria Bethânia em *O querer*

Lulu Santos em *A cura*

As pitangas em *Sono das minhocas*

Donna J. Haraway em *Ficar com o problema: fazer as pazes no Chthuluceno*

Grupo de orientação em *Cadernos de anotação: tudo que possa parecer desimportante.*

Emanuele Coccia em *Metamorfoses*

Stefano Mancuso em *Revolução das plantas*

Fim de tarde em *Ronronar: uma conversa com gatas*

Suely Rolnik em *Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetinada*

Cinzas do meu pai em *Baia de Guanabara*

David Lapoujade em *As existências mínimas*

Tim Maia em *Casinha de sapê*

Vinciane Despret em *Um brinde aos mortos: histórias daqueles que ficam* e em *Autobiografia de um polvo e outras narrativas de antecipação*

Psiquiatras em *É impossível fugir do mar*

Anna L. Tsing em *O cogumelo do fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo*

Cacos dos azulejos azuis em *Nem tudo morre deitado*

Nastassja Martin em *Escute as feras*

Ailton Krenak em *A vida não é útil*

Gilberto Gil em *Refazenda*

EDUCAÇÕES COMPOSTEIRAS

ter muitos corpos, seres morando em mim. Ou melhor, comigo, uma vida compartilhada, comigo, independente de mim. Não é sobre ter um corpo, ou não, interessam os que coexistem, fundem-se. É um negócio interessante, não? Tudo junto. Muitas vidas. Diversas mortes. Não dá mais pra categorizar humano, ela falou. O que tem aqui e ali já são muitos.

Tudo vai apodrecer.

A mão velha do velho
passa um café
O peso da chaleira desafia
tremores
Marcas das monoculturas
peles e manchas
na mão velha do velho
desenham rios verdes
vermelhos
A mão velha do velho
conhece a semente
rubra
e a escuridão da terra

ENFRAQUECER
COMPOR COM
UM MUNDO
OS. QUE CHEGAM

TEMPOS DE UMA
DEMORA

ESTARDALHAÇOS
LUZ REFLETIDA
INVISÍVEIS

BORRAR - DERRAMAR

UM RITMO EM COMUM
PARECE MAIS UMA CONVERSA
BOMBAS CARDÍACAS, PELE COM GRAMA

Uma silhueta no box embaçado
entornos
contornos
um amarelo claro
O vidro da janela tem uma
rachadura
é por ali que a luz entra
Não sei bem se Leonardo Cohen
ou Bob Dylan
Buquês de margaridas
azulejo sim
azulejo não
azulejo sim
azulejo não

unha B11
nao coza +
verificos e
no ter

Naturicola 188823
Geno 325
N. diai 7388 - Hamilton Josea Marques

Clayton



Não há nada a temer,
É apenas o vento
Movendo para o leste, é apenas
Teu pai e teu tio.
Tua mãe a chorar.

asi. fr. 50 spm



Os frutos tremem, as folhas também.
Eu te digo, tu te gartas.
Há algodon saindo da água.
Alguém que sempre gosta de praia.
Pouca coisa, se os contrários não tiverem razão.

Austrocin. [IX]



Fiquei assim de acaso, correndo os olhos, experi-
mentando essa dança entre letras e olhos. Tem
magia ali, no texto, nos olhos, na mesa, na laren-
jeira, na cadeira, nas avós. Algum cheiro - memória.
Luzes entre galhós.

Cultivar transe lúcidos, tomar alguma distância.
Acho que tem um quê de antinflamatória, nessa
conversa entre magias, transe, larenjeiras, ancestralidades

um cheiro de fumaça invade o "quarto de escrever"

ALGUMAS MUITAS TANTAS SAÍDOS
MORTES

SÓ A ARTE ME INTERESSA,

A vida é um
O mar é
Uma vida é
A vida é um
A vida é um
A vida é um
A vida é um

Eu não de pensar
Não tinha família
Um dia atitudes no mar.
Perto de um ilhéu

as lesões mesmo irreversíveis.

... problema poderá, em todo o caso, v
... dos novos estudos sobre os anti
... e heparina já regista melhoras subat
... de Olovson, já citado, documenta coi
... em intercorrência de trombose secundi

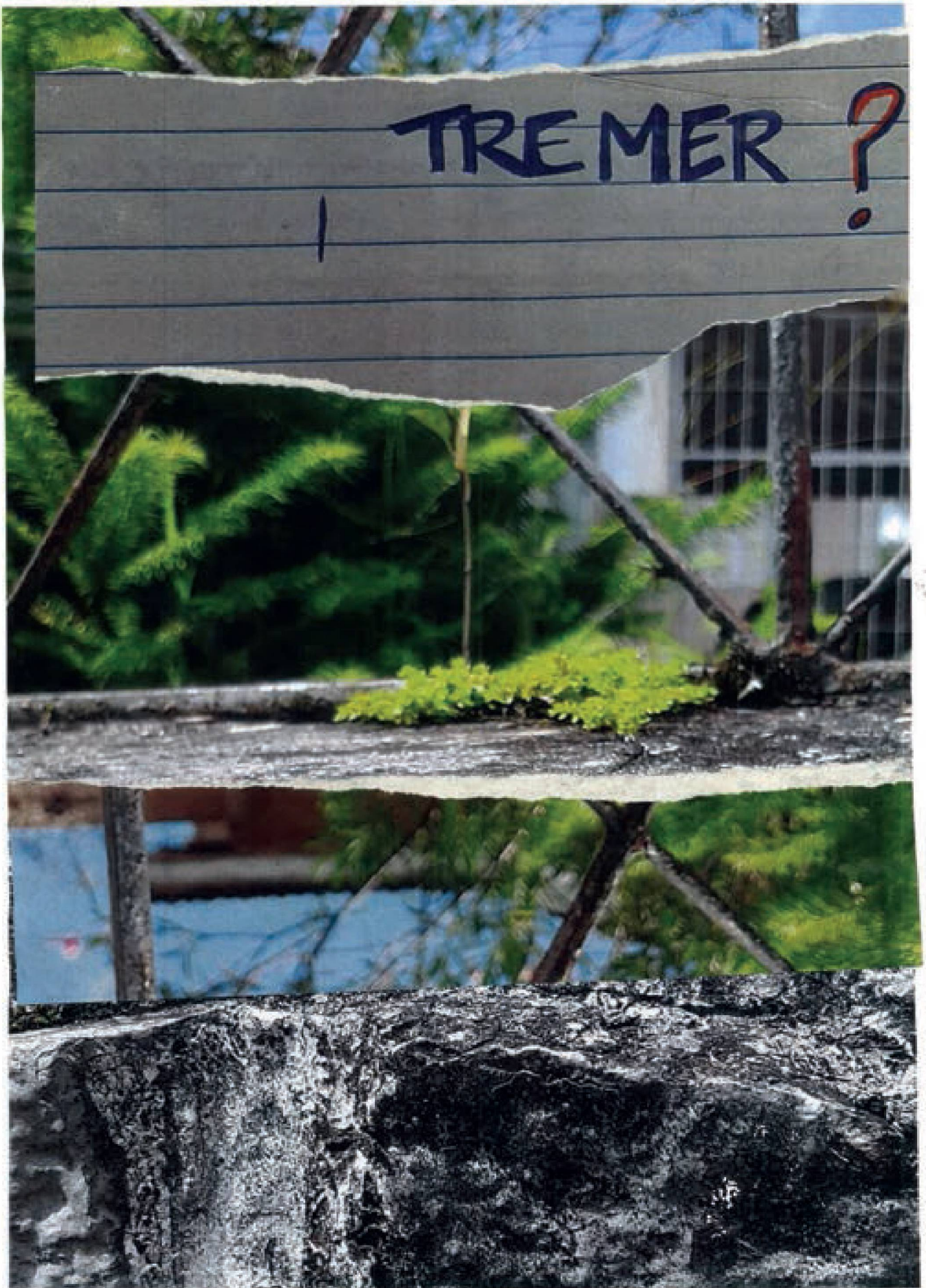
... ue temos observado, entretanto, ens
... guarda uma relevância extraordinária
... glia arterial. E isso em virtude da rapidez



... angie, se
... sua banal,
... a meu amor
... ar séculos de
... -dez séculos in-
... a, repleta de cata-
... colinas em léguas,
... e Tinas feroces,
... e piratas - e poetas.
... a porque, se você re-
... o que escrevi, verá
... em gordo. Não, só
... e, de certa forma, não
... e a vida sem você, então
... que "me divino" ao não
... Na. E, você sabe, aprendi
... com quem inventou o tele-
... m americano, mas lembro-
... do de como nunca ninguém se
... ar para ele. Odeia, minha felici-
... d' dizer outra vez que estou te
... Como eu gostaria de te levar
... lugar - tal qual foram as as-
... estrada antigamente; com
... de dois lugares, maldade feita
... aquela com o caso em forma
... um você, quero você, preciso de
... eternamente. Sem olem - con

UMA TONTEIA DE...

SINALIZAR
O
INVISÍVEL



IMPENETRÁVEL?

SUSPENDER

JUÍZOS - CORAÇÕES DE PEDRA

ATÉ QUE NÃO RESTE PÓ SOBRE
PÓ

DILUIR

PASSEAR COM OS MINERAIS

MUNDOS INVISÍVEIS

ABRIR-SE

MICROPARTÍCULAS

CHIAR COM O VENTO E A

ÁGUA QUE ESCORRE - CHIIIIIIII

OUTRAS VIDAS SE HOSPEDAM

BORDAS

POLIMORFOS MINERAIS



O rio encontra a pedra, contorna,
dança, acarinha
brinca de passar por cima
por baixo
ora corre
espirra

Ri

rio

Ri

Ri

da pedra

no meio

do caminho

reencontrar as águas

num rio

Rir

elas brincam no galho que atravessa

as margens

pendurar

durar

balançar

tomara que caia

sobe na pedra, em entosco,

abraços

um ser

quatro patas

panturrilha acinzentada

trechos

nadadeiras

QUERIA. JÁ VI
CENTE MORRER
DE VONTADE...

o risco de uma palavra ou de um ruído sair por um ou
o nomadismo dentro (entra
de casa) sai
o (intra)lento
o (infra (valto)
o ultra

o o que nunca
as como se em di
anunciado lhes deve se
e dirigida ao céu —

FICÇÃO:

Hyatt ou pronto?

ANTE
Nos olhos do escritor
o esmalecido
de espelhos
tecidos
Lusa

de
tura
do
za



O sol veio aos poucos, com calma, parecia dar a ver uns raios amanhecendo...

Rei, algum texto - qualquer - na cadeira de madeira que era da minha avó, na mesa que era do avô, as cores das folhas mudando tons de verde pelo vidro, manhãs de outros tempos.

começa assim

Suave

ganha corpo, velocidades,
intensidades

tensão

saturno e aquário

Imaginar saídas

a Rússia lança segunda

fase da invasão

e eu?

continuo sentido

TAL QUAL
UMA COSTURA
A ESCRITA ESTENDE UMA
LINHA NO TEMPO - NUM
TEMPO - NUM ESPAÇO

ALINHAVOS
VEM VINDO VAI INDO
-UM FURO-
O QUE MOSTRA O INVISÍVEL

DIFERE

-UM FURO-



COSTURAR
 UMA PESQUISA
 PERFURAR
 UMA PESQUISA
 CONFUNDIR
 UMA PESQUISA

AVESSO
 IMPREVISÍVEL

UMA

LÍNGUA

AVESSA

- UMA PESQUISA -



alumbramentos

que a humanidade não vai nada bem

amores ausentes. Os leões Os sapo
logo depois. Os carlinhos. E logo depois
então. Os sapo depois. Os carlinhos
Me il. O sapo depois.
Logo depois. Os carlinhos depois.
Me il. O sapo depois.
então. Os sapo depois. Os carlinhos
Me il. O sapo depois.

se vocês reclamam
mercúrio retrógrado
na minguante da lua e a boa nova
só chega sábado
eclipse

se vocês reclamam
toma um stellium em peixes
na cara
tenta levantar
agarrar realidades

aglomeram-se cinco planetas no céu agora
em peixes
sonho, fantasia, loucura
calma lá
vênus está em bom aspecto - nódulos lunares
mercúrio de boa
ouvi dizer
quarenta e seis bilhões
musk e twitter

tem fome
fome de tudo
tirando cobras e lagartos
esconderijos
gargalhando da nossa cara
estúpida
plutão retrógrado
eclipse em touro
há que se ter algum prazer
cobras e lagartos

... depois de um dia de trabalho.

CAMOMILA

Camomila
da Alemanha
um vegetal

temida egípcia".
Um sachinho de flores e folhas de camomila no banho
quente ajudando a suavizar a suavizar o corpo, aliviando o
cansaço.

A MEMÓRIA N



CADA CORPO
CARREGA
UM TEMPO MUITO COMUM

CARREGA
COMPOSTEIRAS

*alguma
memória
entre seres*

ACORDOS COMPOSITIVOS
ALIANÇAS COSMOPOLÍTICAS
herdar
fazer
saber

UM PANO. PROCISSÃO
ESTANDARDARTE
BANDEIROLA

TEIA

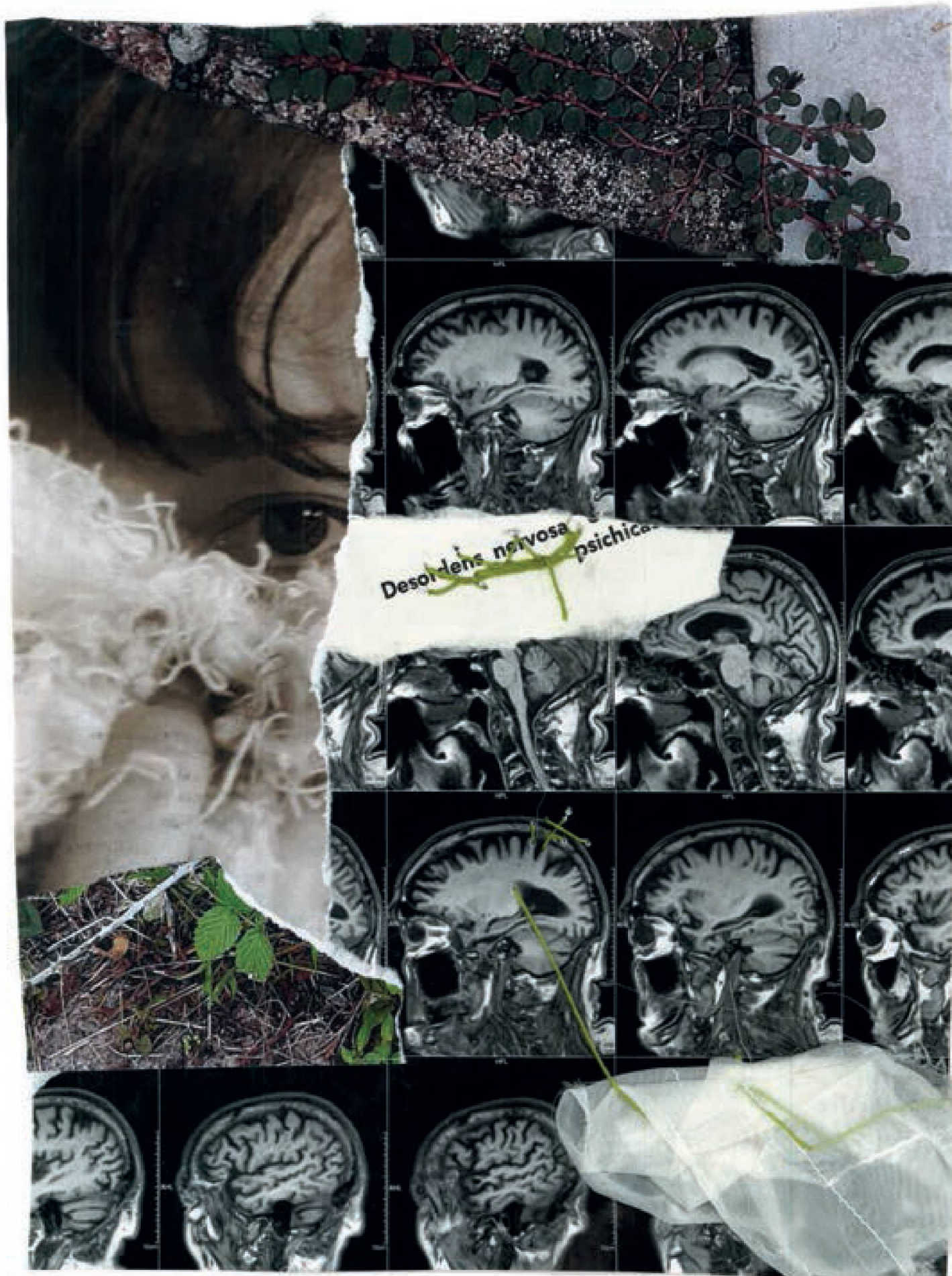
COMPOSTEIRA

OU

EMBRIÃO

DE

MUNDOS



ELE DISSE : SEUS TEXTOS

- MÚLTIPLOS CORTES -

GAGUEJO

DIZER

NADA

- OUTRAS CONEXÕES -

QUEM SABE ALGUÉM
COM ALGUMA VONTADE

- LÉXICA -

COLOQUE :

ASSIM SENDO, BEM COMO, PORÉM,
TODAVIA

- ALIÁS -

QUANDO LÉ[^]

QUEM SABE.

edifício tijucas, décimo sétimo andar. Rios INVISÍVEIS.
mergulho para dentro, para fora. andanças
um olhar à deriva, em deriva, um corpo que vai se
fazendo. hoje o rio tá diferente. quando nos encontramos,
partilhas, derivas, águas, outras significações. um rio
pode ser encontro, ainda que efêmero.

que coisa estranha

me letou o campo emocional depressa

é devagar então?

como deixar um texto numa ponte?

atravessar algum outro, perfurar palavras

ela precisa esperar mais um pouco
rasante de alguma ave marrom
não consigo ver direito

hoje, sonhos a tarde!
perceber rios invisíveis
flagrar os subterrâneos
não precisa ver para existir
tantos invisíveis
do que a gente põe no rio e o que
a gente recolhe

o que você pode deixar num rio?
uma isca, talvez

sorrateira, fica na muída.

outros modos de delirar, inventar um território
mutante, com palavras
um signo que inventa

uma isca

uma carta, cartão, cartaz, palavra
cartografar



seguinte
do o de
figural
tempo

oper a parxado ao amor. Tal como ele o define, eu me en-
trava num certo estado de paixão em relação a ele ("há
momentos fortes e momentos fracos, momentos em que se vá-
vado a incandescência, em que isso flui e em que se torna
em te instável...")

10 cm

04/08/2021 08:12:01

CLELIO TOPPOLI
RUA SA Masculino 0010
Nº casa: 0259151502
0807

10 cm

04/08/2021 08:12:01

CLELIO TOPPOLI
RUA SA Masculino 0010
Nº casa: 0259151502
0807

10 cm

04/08/2021 08:12:01

CLELIO TOPPOLI
RUA SA Masculino 0010
Nº casa: 0259151502
0807

10 cm

04/08/2021 08:12:01

CLELIO TOPPOLI
RUA SA Masculino 0010
Nº casa: 0259151502
0807

10 cm

04/08/2021 08:12:01

CLELIO TOPPOLI
RUA SA Masculino 0010
Nº casa: 0259151502
0807

10 cm

04/08/2021 08:12:01

CLELIO TOPPOLI
RUA SA Masculino 0010
Nº casa: 0259151502
0807



VOCE^ PODE

INVENTAR

ALGUMAS

POTÊNCIAS

POÉTICAS

COTIDIANAS

NA

CURVA

UM RIO

PLANOS

DE

COMPOSIÇÃO

ESTADOS DE SUSPENSE
SUSPENDO

ALARME
VITAL

NÃO CONSIGO RESPIRAR
SUFOCAR

ALARME
VITAL

FORMAS DE EXISTIR

-GESTAR EMBRIÕES



*Cresçam, delga
Absorvam a en
do cosmos
para poderem*

C. DAVID SIM

FIANDO-FIANDO-
ANDO-FIANDO
SABERES



PALAVRA

TEXTURA

ESTADOS

PERCEPÇÃO

GRÁVIDA

PORVIRES

TEMPORALIDADES

UM CORPO

INAUGURA

ESCRITA-COSTURA

ESCRITA-COSTU

RA-ESCRITA-C

OSTURA-ESCRI

TA-COSTURA-E



ESCREVER

não serei bonita fernando, tenho muitas
coisas por fazer. isso foi o chico malmann
que escreveu, não para de ressoar por aqui

não serei bonita
não serei virginia wolf

não escreverei um poema sentada nesse
banco, no bosque

só sei que uma luz passou pela copa de
uma árvore

desenhava no chão

luzes e sombras móveis dançam também

como as flores daquela floreira que eu

não sei o nome

não serão bonitas também as flores

estão cansadas

queria conseguir percorrer
o caminho de uma formiga
queria desenhar com palavras
mas e quando elas não vem
como escrever ?

não serei bonita

não serei virgínia wolf

não escreverei

vou ficar aqui sentada
olhando tanto até que a
vista fique turva

um estado meio aéreo

meio terreno

uma atenção flutuante

mas não vem palavra

nenhuma

não serei bonita
não serei virginia wolf
não escreverei
ficarei aqui sem pensar em nada
o vento chacoalha as árvores
algumas folhas caem plantando
um homem com uma enxada
planta outras flores
as novas aquisições da prefeitura
na primavera
dois guardas passam vindo
carregando coxinhas, coca-cola,
sachês de maionese
algumas bicicletas rápidas
jardins de mel
casinhas das abelhas
o rio belém aqui do lado
eu o escuto
e não me chega nenhuma
palavra

vou jogar
tudo lá então
pra ver se na correnteza
encontra alguma coisa
um rio sem peixe
tem samambaia nascendo na borda de
concreto
mas ainda é
um rio sem peixe
um rio sem peixe
deve estar triste
vou jogar tudo ali
essa falta de palavras
ficar triste com o rio



DEFORMAR

A DAMA DA NOITE
IGNOROU O INVERNO

INVENTOU PRIMAVERAS

Saber do corpo

corpo vivo

corpo fecundo

efetos

o outro não

está

fora



...poucos dias, [redacted]

resíduo [redacted]

reconhecerá qualquer resistên-
da,

6

pre existe, p[er]o
idéias novas, [redacted] elas cruzam com

concepções envelhecidas [redacted] Assim, [redacted]

com a repulsa [redacted] de [redacted]

dêsse [redacted] remover os tecidos [redacted]

plis, o [redacted] ficarão como que a sobrar no campo
depois [redacted]

paverá mesmo que estranhar [redacted]

conceituados, [redacted]

ensinamentos [redacted] a fi
suturas feitas Matas

ou de uma [redacted]

ornará a [redacted]

as co [redacted]

riões moléculas p[er] [redacted]

q [redacted]

um poema
em dezembro de 2022

[ou: o fim pode não ser o fim]

que vêm sendo







UM CORPO

EM LIHAS

ISSO TAMBÉM

ESCREVE - ESCREVE -
INSCREVE - ESCREVE -

FINS DE MUNDO

ROÇANDO

AQUI E LÁ

TANTAS MORTES

MOVIMENTO



AL
M
33
CRUZ
BAUM

UMA CONVERSA COM M



estado inédito

afecções

sem imagem

sem palavra

nenhuma

representação

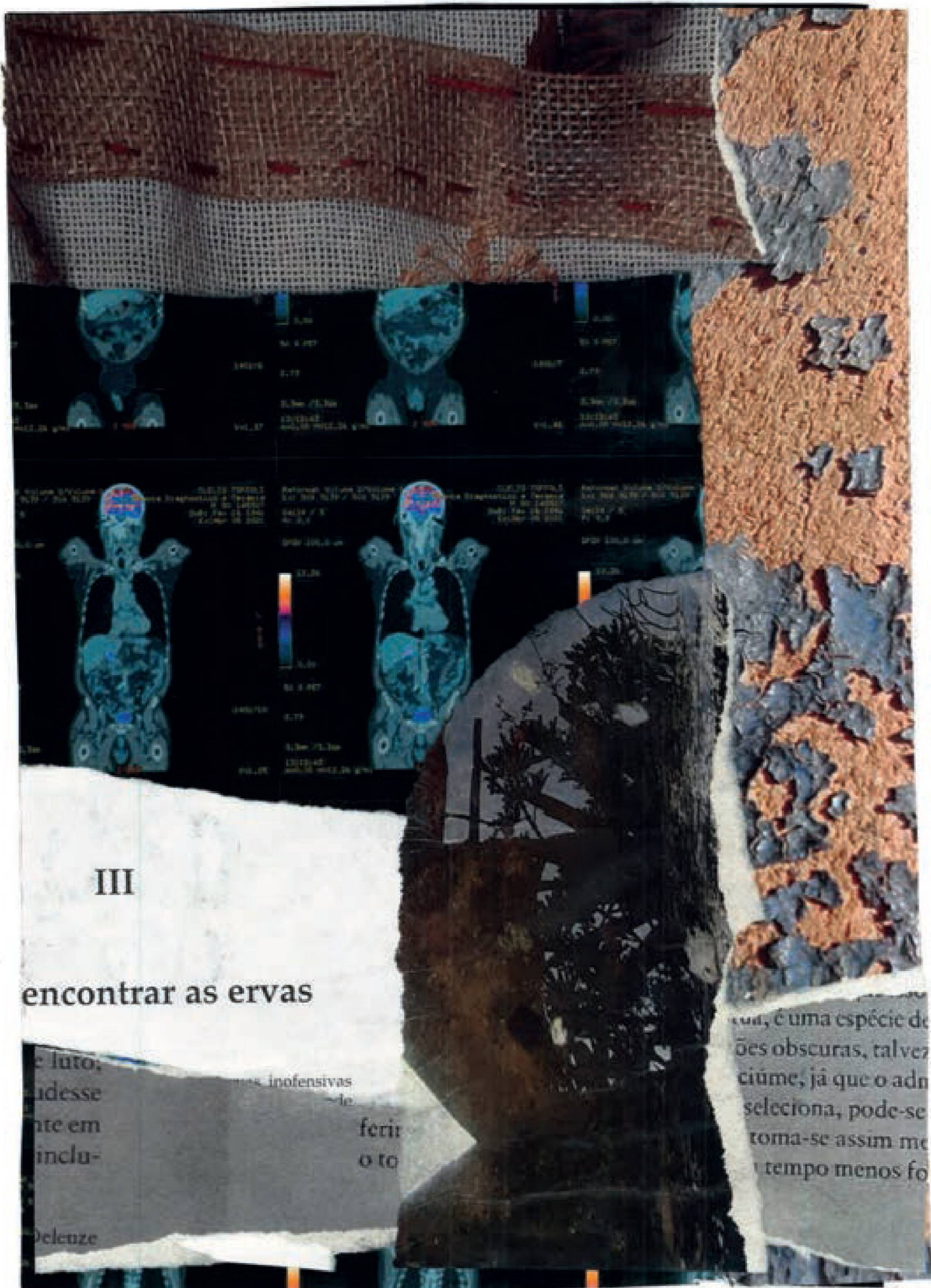
forças do ambiente

semente. planta. rio. pedra. nitrogênio. mato. mi-
nhoca. sement. tomate. vespa. dente. leão. ca-
pim. terra. água. hidrogênio. pele. barulho. pé.
casca. semente. planta. rio. nitrogênio. mato. mi-
nhoca. semente. tomate. vespa. leão. capim. te-
rra. água. hidrogênio. pele. barulho. pé. casca

a vida quer perseverar

uma cartografia se transforma

algo que retome a vida



III

encontrar as ervas

e luto,
udesse
nte em
inclu-

Deleuze

infensivas

ferir
o to

... é uma espécie de
ões obscuras, talvez
ciúme, já que o adm
seleciona, pode-se
toma-se assim me
tempo menos fo

sem

expressão

corpo

intensivo

habitada por

um mundo ainda por vir

pesquisa

ninho

floresta
escrita
humus

lazer fogueira
sinalizar
outras lógicas
humus

perfurar o que separa
classifica
impulso de vida

PROLIFERAR AMÁLGAMAS



ganhei presentes
 dele ganhei dela
 num virrinha

04/08/2021 08
 CLELIO TORFOLI
 RUA MA. MASSARONE ORTIZ, 84 - JARD. AGULH. S. CECILIA - SP/04
 Nº. 0209151502

04/08/2021 08
 CLELIO TORFOLI
 RUA MA. MASSARONE ORTIZ, 84 - JARD. AGULH. S. CECILIA - SP/04
 Nº. 0209151502

Coragem
 do da cor

APRENDER
A
TECER
ELOS
COM A VIDA

IMPENETRÁVEL ?

SUSPENDER

JUÍZOS - CORAÇÕES DE PEDRA

ATÉ QUE NÃO RESTE PÓ SOBRE
PÓ

DILUIR

PASSEAR COM OS MINERAIS

MUNDOS INVISÍVEIS

ABRIR-SE

MICROPARTÍCULAS

CHIAR COM O VENTO E A

ÁGUA QUE ESCORRE - CHIIIIIIII

OUTRAS VIDAS SE HOSPEDAM

BORDAS

POLIMORFOS MINERAIS

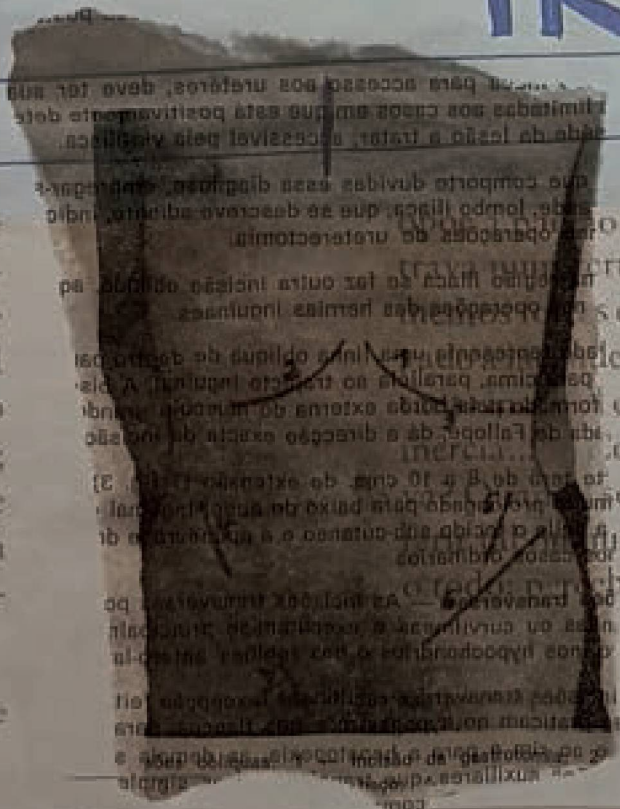
seguin-
no o de
riginal
tempo
e luto;
udesse
nte em
inclu-

trava num certo estado de paixão em relação a ele ("há
mentos fortes e momentos fracos, momentos em que isso
vado à incandescência, em que isso flutua, é uma espécie de
tar, te instável que se prolonga por razões obscuras, talvez
inércia..."). Como teria rivalidade ou ciúme, já que o admi-
va? Quando se admira alguém não se seleciona, pode-se
ferir tal ou qual livro a tal outro, mas toma-se assim me-
o todo: percebe-se que o que parece um tempo menos fo-

Delenze

Conversações

VOCE PODE TREMER ?



o que
seguin-
no o de
riginal
tempo
e luto;
udesse
nte em
inclu-

o ao amor. Tal como ele o define, eu me en-
erto estado de paixão em relação a ele ("há
s e momentos fracos, momentos em que isso
lescência, em que isso flutua, é uma espécie d
que se prolonga por razões obscuras, talve
omo teria rivalidade ou ciúme, já que o admi-
e admira alguém não se seleciona, pode-se
qual livro a tal outro, mas toma-se assim me-
be-se que o que parece um tempo menos fo-

Delenze

Sonha

Caminhos

Atravessar

PRESENCAS ANUNCIAM

EMERGÊNCIAS súbitas

criadoras, subterrâneas, entre malhas.

Procura, moscas e mosquitos, gestos,

variações, alguma ladainha de

bêbados numa esquina.

Ampliar, rewar, ampliar, rewar

Potência dos devires

Desejo de gagueira

língua. desejo. recusa. vontade. mente.
Invade. um. poema. corpo. fim. por. censura.
de. mim. dentro. falar. você. esperando.
palavras. vínculo. resisto. territórios. quebrada.
sons. machuca. máscara. ouviremos. glória.
anzaldúa. aprender. grunhido. cultura. semente
mundos. renegado. jamais. leilões. estrangeiro.
língua. medo. entre. si. imagino. intimidades.
falar. boca. fronteiras. pelo. meio. nobody.
música. ancestrais. controlíngua. instante.
dizer. um. você. falar. fragmentos. tocar.
infância. silêncios. fracassos.
queimaclura. dōi



Se os mortos não dançam

entrar pelo outro:
um ouvido,
outro!

tara Aboio, 20

SEM PEQUENA QUANTIDADE

MUITAS ANIMAS SAÍDO
MORTE

tem alguma coisa
de intempestiva
numa escrita

costuras
intempestiva

duração
intempéries

instante - intempestivo

instante

tem alguma coisa
de intempestiva

numa

presença

COSMOVISÕES

CONSTELAÇÃO DE
POVOS - CONSTELAÇÃO DE
SABERES -

CONSTELAÇÕES

UM PENSAMENTO

CARA A CARA

POSSIBILIDADES - OUTROS MUNDOS -

CONSTELAR MODOS DE VIVER

VIGORAR FLORESTAS

BROTAR DIFERENÇA

- PLANETA JARDIM -

JARDINAR SUBJETIVIDADES - POTÊNCIAS -

COMUNHÃO ENTRE SERES

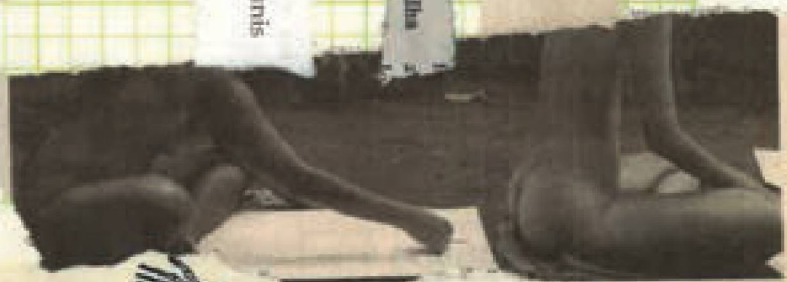
COMUNGAR PERCEPÇÕES

EXPERIMENTAR

SONHOS DE UMA PEDRA

criação, talvez doer mais seja para ser possível ver o que surge entre as águas salgadas, dos olhos, do mar, do sangue, da panela que cozinha o nhoque, : outra vez

D
E
S
A
D
E
S
T
R
A
R



PAR LIVRE

Porque não tem graça nenhuma o lirismo que não seja libertação, tem? Car, leitor, nos vemos no próximo texto. Se já nos livramos! Mas se não quiser, não precisa.

Destruição e criação: quatro cartas

saír em grito para vibrar

Me assuta talvez caminhar

Toda arte é uma confissão

6: estou farta do lirismo dos métodos

Para acalmar os nervos:

Partes iguais de camomila, verbena e sementes de anis

Rastrear pela lhinha de uma navalha

Parece mais uma conversa
Bombas cardíacas, pele e grama.

Preferimos dum vidro de amendoim

Espectadores que frequentam o teatro se utilizam de um bandoito para ver o rosto dos atores 3 vezes aumentado. Há outras lentes



Fig. 214 - Es.



... Mas depois vem a manhã, e me despeito apaixonada pela minha vida, não posso sentir e o ódio no rosto o Sena



Desencapar um corpo

fazer com as ervas

Quanto dura a vida?

passar grossos livros em que fosse compendiado tudo
sua duração da existência. Não se encontraram
quer se trate de --

- alergias
- artrite
- asma
- bronquite
- cistite
- colicis
- cortes
- diarréia
- dor ciática
- dores de cabeça
- dores muscular
- fadiga
- ferridas
- fraturas
- furúnculos
- indigestão

A coragem

Se essa experiência de misturar isso que é você
- ou o que você pensa que é você - com a terra for boa,
continue um pouco mais. Até a terra falar com você.
Ela fala. E o seu corpo vai escutar. Vamos



Fig. 1 — Tecido cribular vegetal e animal. A esquerda uma parte, muito aumentada, de uma folha de perseguição; à direita, um cone de pólo duma salamanda.

FORASTIERA

COMPOR

TECITURAS

MODOS DE VIDA

HABITAR

COSTURAR

- MUNDOS -

POR VIR

DEVIR TECELÃ

tensão
um fio
fios
emaranhar
uma aranha
vibra
tece. teia
o outro vibra
em mim
pelo pêlo - pelo fio - pêlo fio
nem no outro. nem na mosca. nem em mim
nem isso
nem aquilo. nem no fio também
alguma coisa lá, aqui, ali, distante
numa pele - que ainda não tem nome

Animais e plantas que vivem em ampla solidariedade

olha só minha avó

Al, cum
... de dupla.

talvez experiências
cer algo o "quando" e
naturalmente mais
ovo duma salamandra só tem o tamanho
duma cabeça de alfinete.

é por ali que a luz entra
Não sei bem se Leonardo Cohen ou Bob Dylan

VOCE TEM
HISTORTAS
SOBRE PLANTAS
PARA CONTAR ?

Kátia me disse: precisa doer mais.
go se transforme, entre em

ela fosse morrer. Esou com aza e fome ao mesmo tempo. 52 anos juntos, eu não
quero sair dessa casa, por favor não me tirem daqui.



decomposição, em metamorfose.

a cidade
felina



Rios, rios, caminhos inesperados. Nada falta.
Variações cadentes. Alianças.
Ar, terra, cores, areoeras, sons, calores
Linhas, transformação, linhas trans saltam
Caindo em solos alheios
Outras formas. Só
Restava uma luz
CRUA.
Potencialidades
AMOROSAS

O coração das trevas, robôs em delírio

ela tentava ler, o rumor da chuva
misturado ao rumor das palavras no livro

uma série de impressões desimportantes. Pa

É bonito pensar na morte
assim, como uma pele que inventa e cria outras peles. Mas
dói, e é preciso doer, a
Porque é preciso que a

Jardinallidades

Um mistério
não é
um enigma

Imaginemos o pensador mergulha.

uma isca, uma carta, cartaz, cartão, cartografar...

LEIAM AS QUINTAS-FEIRAS

Esta obra foi atualizada conforme Bula Padêro aprovada
pela Arvta em 08/03/2021.

05

028

SEM SER CONVIDADA
ENTRE

O RALO

- DESCONFORTO -

O VISCO

VAZA

PODE SER QUE ESCORREGUE

- É POSSÍVEL -

PERNAS PRO AR

- INVERTER -

VOCÊ QUE SABE...

FICA PARADA

OU

MERGULHA

SEMENTE

GESTAR

O

VIR A

SER

acaba. Quando a pele acaba ela alimenta outras peles? As peles do mundo? Uma pele acaba? Ou dilata, metamorfoses, vira outras?

Oi filha!

costura corpos e 'eus' como um alfaiate, como um body artist

Deixei o revêdio da noite em uma de mesa e embato do billete ... RS.



como é possível seguir depois dessa?

Para a tosse, faça a seguinte mistura: mergulhe sessenta gramas de raiz de confrei em um litro de água e deixe passar a noite. Depois ferva e deixe cozinhar durante trinta minutos.

É só dar que ele toma a hora que for dormir.

- Não é tia, que quando a gente morre a pele acaba?

Por que precisamos dum espote ou de um mamto para nos agulhamos no inferno, e os pordeis e os idarros não

Bjss Bjss. O te amo!

Tem água
Em tudo
Por tudo
Um ritmo
Em comum

Don 2 comp. ombes dele dormir



usuários de seralina e seus familiares devem ser esclarecidos pelos seus médicos sobre a possibilidade de agravamentos dos sintomas de depressão e pensamentos suicidas especialmente no início da terapia ou em mudanças de dose Informe seu médico se você tem algum outro problema de saúde, estando ou não em tratamento no momento.

mulheres grávidas
tenucação

AINDA POR AQUI UM CORPO QUE TREME, TREME, FAZ
TAMBOR COM A TERRA, COM O RIO, MONTANHAS. SUSTEN-
TAR SOMENTE O NECESSÁRIO, NÃO MAIS. TREMER COM
O FOGO DO CACAU E DO VENTRE QUE CHACOALHA E
GRITA, FEITO BICHO QUE VIVA. RADICALIZAR UM CORPO,
EXPERIMENTAR UM CORPO ABERTO, POROSO, QUE SE FAZ
NOS CONTÁGIOS, CRIA COM O OUTRO. IR CAINDO, COMPOR
COM FRACASSOS, COM O QUE DESMORONA. MORTES CRIA-
TIVAS. DERRETER COM O RIO. ACOLHER UM RIO. ACHAR
LUGAR NAS PELES QUE FRICIONAM, ROÇAR EM BORDAS.
BORDAR. AS MINHAS ÁGUAS SAUBAM SUAS ÁGUAS.



A mort

26/04/2022
OF MEDICAL TREATMENT

aprender se trata de paixão
é mais sensual do que se pode imaginar
um desejo típico de amantes que mordem
lábios

aprender se trata de morder
como o urso que tatua os dentes no rosto da
antropóloga

aprender se trata de rosto
daquêle que enxergam os poetas e alguns
filósofos

aprender se trata de poesia
daquelas que precisam se demorar

aprender se trata de demora
daquela dos canários que se encolhem diante
da chuva

aprender se trata de canários inventores de
outras palavras

aprender se trata tanto de outras palavras
tanto daquelas que precisamos afogar numa
bacia cheia d'água

aprender se trata de água
daquelas do rio que formam panelas com a
pedra

aprender se trata de panelas
daquelas que mexiam minhas ancestrais

aprender se trata de ancestrais

daquelas que reencontro quando cuido das
plantas do jardim

aprender se trata de plantas

daquelas ervas daninhas que racham o
concreto

aprender se trata de rachar

daquelas em que a luz entra

aprender se trata de entrar

naqueles terrenos baldios em que fumávamos
escondidas

aprender se trata de terrenos baldios



REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de: Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia literária, Elefante, 2016.
- ANZALDUA, Glória. Falando em línguas: uma carta para mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista estudos feministas**. Florianópolis, v. 8, 2000. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>. Acesso em: 05 set. 2021.
- BARCHI, Rodrigo. As ecologias e as trevas: educações ambientais no Infer(ce)no. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**. Rio Grande do Sul, v. 40, n. 2, 2023. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/15063>. Acesso em: set. 2023.
- BARTHES, Roland. **Incidentes**. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BORGES, Nicole Cristina Machado; ESTEVINHO, Lucia de Fatima Dinelli. Fotografias bordadas: construindo paisagens para (re)existir. **ClimaCom**. Campinas, ano 8, n. 21, 2021. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/fotografias-bordadas-construindo/>. Acesso em: 03 out. 2022.
- BRUNET, Karla. ARTE & CIÊNCIA: uma metodologia de expedição artística e percepção do mar. **Revista Poiésis**. Rio de Janeiro, v. 24, n. 41, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/poiesis/article/view/59031>. Acesso em: out. 2023.
- CACHATORI, Thiago Luiz; KASPER, Kátia Maria. Cartografia da invenção: desaprender no caminhar. **Revista do NUPEM**, v. 15, p. 71-78, 2023.
- CACHATORI, Thiago Luiz; KASPER, Kátia Maria. **Por uma geografia das incertezas: deslocamentos e aprendizagens de um professor** em formação. In: Jurema Iara Reis Belli; Susana Henriques; Cláudia Neves. (Org.). **Formação de professores e inovação pedagógica**. 1ed.Jundiaí: Paco Editorial, 2021, v. 1, p. 159-180.
- CAMPILHO, Matilde. **Jóquei**. São Paulo: Editora 34, 2015.
- CARERI, Francesco. **Caminhar e parar**. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.
- CARERI, Francesco. **Walkscapes**: o caminhar como prática estética. São Paulo: Editora G. Gili, 2015.
- CARNEIRO, Gizele Cristiana. **Slam e escrita**: percursos entre poéticas menores, experiência e educação. Orientadora: Kátia Maria Kasper. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação: Teoria e Prática de Ensino) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2022.
- COCCIA, Emanuele. **A vida das plantas**: uma metafísica da mistura. Tradução de: Fernando Scheibe. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.
- COCCIA, Emanuele. **A virada vegetal**. Tradução de: Felipe Augusto Vicari de Carli. São Paulo: N-1edições, 2018.
- COCCIA, Emanuele. **Metamorfoses**. Tradução de: Madeleine Deschamps e Victoria Mouawad. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2020.

COSTA, Luciano Bedin da. A cartografia parece ser mais uma ética (e uma política) do que uma metodologia de pesquisa. **Paralelo 31**, Pelotas, n. 15. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/paralelo/article/view/20997>. Acesso em: 20 nov. 2022.

COSTA, Victor Anselmo. **Frustrar a catástrofe, proliferar mundos**: composições ecológicas com Arthur Bispo do Rosário. Orientadora: Kátia Maria Kasper. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e em Matemática) - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Universidade Federal do Paraná, 2023.

COSTA, Luciano Bedin; COSTA, Cristiano Bedin da; OLIVEIRA, Marcos da Rocha; AMORIM, Alexandre Sobral Loureiro; PACHECO, Eduardo Guedes; RANIÉRE, Édio. Por que uma Zona de Investigações Poéticas?. **QUAESTIO (UNISO)**, Sorocaba, SP, v. 23, n. 1. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/4070>. Acesso em: 10 set. 2023.

CUNHA, Madrugá Cláudia. **Cartografia**: insurgências metodológicas e outras estéticas da pesquisa. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

DAWSON, Adele. **O poder das ervas**. Tradução de: Maria Ercília de A. Britto e Evelyn Kay Massaro. São Paulo: Editora Best Seller, 1991.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2008.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa**: filosofia prática. Tradução de: Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de: Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011. v. 1.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de: Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011. v. 2.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de: Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2012. v. 3.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de: Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2012. v. 4.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de: Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2012. v. 5.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?**. Tradução de: Bento Prado Junior e Alberto Alonso Munoz. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. Tradução de: Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução de Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DESPRET, Vinciane. **Autobiografia de um polvo**: e outras narrativas de antecipação. Tradução de: Milena P. Duchiate. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2022.

DESPRET, Vinciane. **O que diriam os animais?**. Tradução de: Letícia Mei. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

DESPRET, Vinciane. **Um brinde aos mortos**: Histórias daqueles que ficam. Tradução de: Hortencia Lencastre. São Paulo: n-1 edições, 2023.

DIAS, Susana de Oliveira. Perceber – fazer floresta: a aventura de entrar e comunhão com um mundo inteiro vivo. **ClimaCom**. Campinas, ano 7, n. 17, 2020. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/susana-dias-florestas/>. Acesso em: 12 out. 2022.

DIAS, Susana et al. Ecologia de devires. **ClimaCom**. Campinas, ano 7, n. 17, 2020. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/coletivo-multi...esta-de-afetos>. Acesso em: 12 out. 2022.

DIAS, Susana Oliveira; WIEDEMANN, Sebastian; AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues de (Orgs.) **Conexões**: Deleuze e cosmopolítica e ecologias radicais e nova terra e Coleção Conexões. Campinas, SP: ALB/ClimaCom, 2019.

ESTEVINHO, Lucia de Fátima Dinelli; LOURENÇO; Keyme Gomes (Coord.). Cadernos em movimento a florestar. **ClimaCom**. Campinas, ano 9, dez. 2022. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/sapos/>. Acesso em 20 set. 2023.

ESTEVINHO, Lucia de Fátima Dinelli. Cartas para conversar. **Revista Coletiva FUNDAJ**, v. 19, p. 1-10, 2021.

EUGÊNIO, Fernanda; FIADEIRO, João. **O encontro é uma ferida**. Excerto da conferência performance Secalharidade, 2012.

FARES, Rafael. Terra-floresta. **ClimaCom**. Campinas, ano 6, n. 16, 2019. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/sara-de-melo-p...es-cientificos/>. Acesso em: 10 abr. 2022.

FARY, Bruna Adriane; RIGUE, Fernanda Monteiro; OLIVEIRA, Roberto Dalmo Varallo Lima. Rastros de uma educação química menor. **ClimaCom**. Campinas, ano 10, n. 24, 2023. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/rastros-de-uma-educacao-quimica-menor/>. Acesso em: 01 nov. 2023.

FEATHER. Bartholomew. **A máquina classificatória de humanidades**: escritos excrementais. Tradução de: Roberto Dalmo. São Paulo: Livraria da Física, 2023.

FERNANDES, Renata Sieiro. Deusas das florestas. **ClimaCom**. Campinas, ano 7, n. 17, 2020. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/deusas-das-florestas-renata-sieiro-fernandes/>. Acesso em: 15 mai. 2022.

FRANCESCHINI, Erica; COSTA, Luciano Bedin da. Veio o tempo em que a Terra pergunta. **Revista Mosaico**, v. 14, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/233841>. Acesso em: 22 dez. 2022.

GALLO, Sílvio; ASPIS, Renata Lima. Biopolítica-vírus e educação-governamentalidade e escapar e... **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, v. 37, n. 2, 2011. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/reu/article/view/651>. Acesso em: 01 mar. 2023.

GANZ, Louise. **Imaginários da terra**: ensaios sobre natureza e arte na contemporaneidade. Rio de Janeiro: Quartet, Faperj, 2015.

- FARES, Rafael. Terra-floresta. **ClimaCom**. Campinas, ano 6, n. 16, 2019. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/sara-de-melo-p...es-cientificos/>. Acesso em: 15 fev. 2022.
- GODOY, Ana. A menor das ecologias: [apenas um esboço, nada senão o esboço de um esboço]. **Cadernos de Subjetividade**, n. 3, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cadernossujetividade/article/view/38468>. Acesso em: 20 ago. 2022.
- GROS, Frédéric. **Caminhar, uma filosofia**. Tradução de Lília Ledon da Silva. São Paulo: É Realizações, 2010.
- GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução de: Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papyrus, 2012.
- GUATTARI, Félix. **Caosmose um novo paradigma estético**. Tradução de: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 2008.
- GUATTARI, Félix. **Revolução molecular**: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Sueli. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- HARAWAY, Donna J. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationceno, Chthuluceno: fazendo parentes. Tradução de: Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy. **ClimaCom**, Campinas, 2016a. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capitaloceno-plantationocenchthuluceno-fazendo-parentes/>. Acesso em: 22 dez. 2022.
- HARAWAY, Donna J. **Ficar com o problema**: fazer parentes no Chthuluceno. Tradução de: Ana Luiza Braga. São Paulo: n-1 edições, 2023.
- HARAWAY, Donna J. **O manifesto das espécies companheiras**: cachorros, pessoas e alteridade significativa. Tradução de: Pê Moreira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- HARAWAY, Donna J. **Quando as espécies se encontram**. Tradução de: Juliana Fausto. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- JORGE, Camila. **Corpos em criação**: aprendizagens entre educação, palhaçaria e cartografia. Orientadora: Kátia Maria Kasper. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e em Matemática) - Setor de exatas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2022.
- JORGE, Eduardo; MARQUES, Ana Martins. **Como se fosse a casa**: uma correspondência. Belo Horizonte: Relicário, 2017.
- KASPER, Kátia Maria. Eco-lógica: Efigênia entre arte e vida. **Ciência & Educação**, v. 20, p. 331-344, 2014.
- KASPER, Kátia Maria. Experimentar, devir, contagiar: o que pode um corpo?. **Pró-Posições** (UNICAMP. Impreso), v. 20, 2009.
- KASPER, Kátia Maria.; LIMA, Andre Pietschi.; TÓFFOLI, Gabriela de Sousa. Heterotopias. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, v. 21, n. 4, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8652679>. Acesso em: 18 nov. 2022.

- KASPER, Kátia Maria; LIMA, Andre Pietschi. TOFFOLI, Gabriela de Sousa; SEJANES, Thalita Alves. Caminhar e escrever: linhas funâmbulas proliferando cidades. **Linha Mestra**, v. 15, n. 45, 2021. Disponível em: <https://lm.alb.org.br/index.php/lm/article/view/1015>. Acesso em: 02 fev. 2022.
- KASPER, Katia Maria; TOFFOLI, Gabriela de Sousa; SEJANES, Thalita Alves. Cartografias afetivas: trajetos incertos, inventando cidades. **RUA**, Campinas, v. 28, n.2, 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8671548>. Acesso em: 01 jan. 2023.
- KASPER, Kátia Maria; TOFFOLI, Gabriela de Sousa; SEJANES, Thalita Alves; BARROS, Maiara Pereira. Desaprendizagens na ressonância dos encontros. **Leitura: Teoria e Prática**, Campinas, v. 39, 2021. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/896>. Acesso em: mar. 2022.
- KASPER, Kátia Maria; LIMA, André Pietsch. Travessias. **Revista Observatório**. Palmas, v. 4, 2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/4578>. Acesso em: 14 nov. 2021.
- KASPER, Kátia Maria; TÓFFOLI, Gabriela de Sousa. Errâncias: cartografias em trajetos deformativos. **Leitura Teoria & Prática**, Campinas, v. 36, n. 72, 2018. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/666/444>. Acesso em: 15 out. 2022.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- KRENAK, Ailton. **Radicalmente vivos**. [s./l.]: O lugar, 2020.
- LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. São Paulo: n-1edições, 2017.
- LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- LATOUR, Bruno. **Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência**. IN: *Objectos Impuros: Experiências em Estudos sobre a Ciência*. Porto: Afrontamento, 2008.
- LATOUR, Bruno. **Onde aterrar?: Como se orientar politicamente no Antropoceno**. Tradução de Marcela Vieira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
- LIMA, André Pietsch; KASPER, Kátia Maria; TÓFFOLI, Gabriela de Sousa. Passeios. **Linha Mestra**, Campinas, v. 12, n. 36, 2018. Disponível em: <https://lm.alb.org.br/index.php/lm/article/view/174/183>. Acesso em: 14 nov. 2021.
- LINHARES, Marcos Allan. Experimentações vegetais por entre caminhos perfor/rizo/máticos. **ClimaCom**, Campinas, ano 9, n. 23, 2022. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/experimentacoes-vegetais/>. Acesso em: jul. 2023.
- LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida**. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.

MALLMANN, Francisco. **Haverá festa com o que restar**. Bragança Paulista: Editora Urutau, 2018.

MANCUSO, Stefano. **A planta do mundo**. Tradução de: Regina Silva. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

MANCUSO, Stefano. **Revolução das plantas**: um novo modelo para o futuro. Tradução de: Regina Silva. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

MARQUES, D. Fita verde de experimentação. **ETD - Educação Temática Digital**, v. 9, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1058>. Acesso em: mai. 2023.

MARTIN, Nastassja. **Escute as feras**. Tradução de: Camila Vargas Boldrini e Daniel Luhmann. São Paulo: Editora 34, 2021.

MULTITÃO; DALMASO, Alice; PINHEIRO, Almir da Silva; MIRANDA, Emanuely; VILELA, Mariana; DIAS, Susana. Rio, uma escrita coletiva que pede passagem. **ClimaCom**, Campinas, ano 7, n. 17, 2020. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/multitao-florestas>. Acesso em: 07 ago. 2021.

NASCIMENTO, Evandro. **O pensamento vegetal**: a literatura e as plantas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

NARBY, Jeremy. **A serpente cósmica**: o DNA e a origem do saber. Tradução de: Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2018.

NOGUEIRA, Bernardo Gomes Barbosa; MOREIRA, Nelson Camatta; PINTO, Franco Dani Araújo e. Costuras para adiar o fim do mundo: reflexões com base na obra *A vida não é útil*, de Aílton Krenak. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 67, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/47509>. Acesso em: nov. 2023.

OLIVEIRA, Joana Cabral de. ((R)E)Feito Floresta. **ClimaCom**. Campinas, ano 7, n. 17, 2020. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/joana-de-oliveira-florestas/>. Acesso em: 07 ago.2021.

OLIVEIRA, Marcos da Rocha. Poéticas Pedagógicas (Por uma docência em escritura). **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 47, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/124431>. Acesso em: 02 fev. 2023.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa intervenção e produção de subjetividade. 2. reimp. Porto Alegre: Sulina, 2012.

PELBART, Peter Pál. A ecologia do invisível. In: PELBART, Peter Pál. **A nau do tempo rei**: sete ensaios sobre o tempo da loucura. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

PERÉT, Flávia Helena Santos. **Vozes e escritas dissidentes**. 2022. Tese (Doutorado em educação, conhecimento e inclusão social) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2022.

PREVE, Ana Maria Hoepers. **PREFÁCIO**. In: GUIMARÃES et al (Org.). **Ecologias inventivas**: experiências das/nas paisagens. Curitiba: CRV, 2015.

RIBEIRO, Sidarta. **Sonho manifesto**: dez exercícios urgentes de otimismo apocalíptico. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

ROLNIK, Suely. **A hora da micropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2016.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2. ed. Porto Alegre, Sulina: Ed. UFRGS, 2016.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n1edições, 2018.

ROMAGUERA, Alda; NEGRÃO, Vanessa Aparecida Marconato; SABUKÁ KARIRI XOCÓ; COLETIVO RITMOS DO PENSAMENTO. Caderneta de anotações. **ClimaCom**. Campinas, ano 7, n. 17, 2020. Disponível em:

<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/alda-vanessa-florestas/>. Acesso em: 05 jul. 2021.

SALES, Tiago Amaral; ESTEVINHO, Lúcia de Fátima Dinelli. Cartografias de vida-e-morte em territórios pandêmicos: marcas-ferida, necro-bio-políticas e linhas de fuga. **Revista M**. Estudos Sobre a Morte, Os Mortos E O Morrer. Rio de Janeiro, v.6, 2021. Disponível em: <http://seer.unirio.br/revistam/index>. Acesso em: 03 nov. 2022.

SALES, Tiago Amaral; LOURENÇO, Keyme Gomes; ESTEVINHO, Lúcia de Fátima Dinelli. Escavando o rizoma: devires a partir de uma filosofia-vegetal. **Alegrear**. Campinas, v. 25, 2020. Disponível em: <https://alegrar.com.br/alegrar25-25/>. Acesso em: 02 nov. 2022.

SAMPAIO, Shaula Maíra Vicentini de. Como criar uma paisagem em ruínas?: Deslocamentos, desconstruções e a insistência de pensar a Educação Ambiental no Antropoceno. **Quaestio**, Sorocaba, v. 21, n. 1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/3524>. Acesso em: 28 ago. 2022.

SEJANES, Thalita Alves. **Trajetos - processos de uma criação selvática pela cidade**. Orientadora: Kátia Maria Kasper. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e em Matemática) - Setor de exatas, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2020.

SEQUEIRA, Rosane Preciosa. Destampar a imaginação para florescer outros modos de convívio. **Alegrear**, Campinas, v. 25, 2020. Disponível em: <https://alegrar.com.br/alegrar25-22/>. Acesso em: fev.2022.

SEQUEIRA, Rosane Preciosa. Reparar nas coisas: de repente algo acontece e somos outro. **Educação em Perspectiva**. v. 10, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/educacaoemperspectiva/article/view/8008>. Acesso em: out. 2022.

SEQUEIRA, Rosane Preciosa. **Rumores discretos da subjetividade**. Orientadora: Suely Belinha Rolnik. 2002. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2002.

SERRES, Michel. **Variações sobre o corpo**. Tradução de: Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

SEVCIUC, Bianca; ARAUJO, Laís. **Eu mais velha**: cura, fé, ancestralidade. Curitiba: Arte Editora, 2020.

SILVA, Lêda Valéria Alves; CHAVES, Silvia Nogueira. Sobre clareiras e capoeiras vagabundas. **ClimaCom**, Campinas, ano 9, n. 22, 2022. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/sobreclareiras/>. Acesso em: mai. 2023.

SILVA, Roberta; ESTEVINHO, Lúcia. Uma biologia mais que humana. **ClimaCom**, Campinas, ano 9, n. 23, 2022. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/uma-biologia/>. Acesso em: nov. 2022.

SILVEIRA, Eduardo. Relicário de pequenas vidas. **ClimaCom**. Campinas, ano 7, n. 17, 2020. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/eduardo-silveira-florestas/>. Acesso em: 30 abr. 2021.

STENGERS, I. A proposição cosmopolítica. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 69, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/145663>. Acesso em: abr. 2023.

TAVARES, Gonçalo M. **Atlas do Corpo e da Imaginação**. Portugal: Editora Caminho, 2013.

TÓFFOLI, Gabriela de Sousa. **Hortas urbanas e modos de vida minoritários**. Orientadora: Kátia Maria Kasper. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e em Matemática) - Setor de exatas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

TOFFOLI, Gabriela de Sousa; KASPER, Kátia Maria. Devir-vegetal: Experimentações com um Corpo - Planta - Escrita. **Revista Linha Mestra**, Campinas, v. 14, 2020. Disponível em: <https://lm.alb.org.br/index.php/lm/article/view/377>. Acesso em: set. 2022.

TSING, Anna L. **O cogumelo do fim do mundo**: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. São Paulo: n-1 edições, 2022.

WIEDEMANN, Sebastian. Disposições para uma ativação dos possíveis Cuidados para acolher o Azul profundo como berçário especulativo de mundos. **ClimaCom**, Campinas, ano 8, n. 20, 2021. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/disposicoes-para-uma-ativacao/>. Acesso em: abr. 2023.

ZA, Ana. As coisas no tempo. **ClimaCom**. Campinas, ano 7, n. 17, 2020. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/pedro-silveira-florestas>. Acesso em: ago. 2022.

Vídeos

SELVAGEM CICLO DE ESTUDOS SOBRE A VIDA. Diálogos Biosféricos – Ailton Krenak e Jeremy Narby. YouTube, 21 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pbG4BdQnLc&list=PLYysvnBmz4S0csTa2hHN6HLsvY149ay6X&index=3>. Acesso em: 10 fev. 2022.

SELVAGEM CICLO DE ESTUDOS SOBRE A VIDA. Conversa Selvagem – terceira Flecha: Somos um? Somos muitos?. YouTube, 01 de outubro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SabZlir9hKE&list=PLYysvnBmz4S0moT9Eb4jYB2tFqXrG9Cgp&index=2>. Acesso em: 20 fev. 2022.

SELVAGEM CICLO DE ESTUDOS SOBRE A VIDA. II ciclo mulheres, plantas e cura – nascer. YouTube, 06 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Vqo3jR7Ttes&list=PLYysvnBmz4S3On3QVO4EjjHdNIUTz3ebi&index=1>. Acesso em: 15 out. 2022.

SELVAGEM CICLO DE ESTUDOS SOBRE A VIDA. II ciclo mulheres, plantas e cura – germinar. YouTube, 13 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UVj4e4pu7lo&list=PLYysvnBmz4S3On3QVO4EjjHdNIUTz3ebi&index=2>. Acesso em: 15 out. 2022.

SELVAGEM CICLO DE ESTUDOS SOBRE A VIDA. II ciclo mulheres, plantas e cura – cuidar. YouTube, 20 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bwTYNDgjGDM&list=PLYysvnBmz4S3On3QVO4EjjHdNIUTz3ebi&index=3>. Acesso em: 17 out. 2022.

SELVAGEM CICLO DE ESTUDOS SOBRE A VIDA. II ciclo mulheres, plantas e cura – compostar e transformar. YouTube, 27 de setembro de 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_R4dXNBb_FI&list=PLYysvnBmz4S3On3QVO4EjjHdNIUTz3ebi&index=4. Acesso em: 17 out. 2022.

Músicas

CÉU. Rotação. Álbum Apká. YouTube, 12 de agosto de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XJiD04Z6nw8>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2022.

GILBERTO GIL. Refazenda. YouTube, 10 de setembro de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r0jE-bFQ49w>. Acesso em: fev. 2023.

JOÃO NOGUEIRA. Poder da criação. Álbum Boca do Povo. Universal Music Internacional. YouTube, 14 de março de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kXLxADU0VT4>. Acesso em: 20 de outubro de 2022.

LULU SANTOS. A cura. YouTube, 14 de janeiro de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BXUqiiygC5Y>. Acesso em: mar. 2023.

MARIA BETHÂNEA. O quereres. Álbum Maricotinha – Ao Vivo. Biscoito Fino. YouTube, 15 de maio de 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7vVkTtOqsSY>. Acesso em: abr. 2022.

TIM MAIA, Casinha de Sapê. YouTube, 24 de maio de 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sj0G2-GiG_8. Acesso em: mar. 2023.

TULIPA RUIZ e JOÃO DONATO. Gravidade Zero. YouTube, 06 de setembro de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FkhkE91I3uQ>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2022.